



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA

JUSSARA DE MORAIS VARELA

**ENSINO DE SEXUALIDADE: RESSIGNIFICAÇÃO DE SABERES ERRÁTICOS E
PADRÕES NEGATIVOS ADQUIRIDOS PELO CONSUMO PRECOCE DE
CONTEÚDO PORNOGRÁFICO**

João Pessoa

2025

JUSSARA DE MORAIS VARELA

**ENSINO DE SEXUALIDADE: RESSIGNIFICAÇÃO DE SABERES ERRÁTICOS E
PADRÕES NEGATIVOS ADQUIRIDOS PELO CONSUMO PRECOCE DE
CONTEÚDO PORNOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM) apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional (PROFBIO), do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia.

Linhas de Pesquisa: Comunicação, Ensino e Aprendizagem em Biologia.

Macroprojeto: Ensino de Sexualidade.

Orientador(a): Temilce Simões de Assis Cantalice

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V293e Varela, Jussara de Moraes.

Ensino de sexualidade : ressignificação de saberes erráticos e padrões negativos adquiridos pelo consumo precoce de conteúdo pornográfico / Jussara de Moraes Varela. - João Pessoa, 2025.

104 f. : il.

Orientação: Temilce Simões de Assis Cantalice.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN.

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Orientação sexual. 4. Pornografia digital - consumo. 5. Conteúdo pornográfico. I. Cantalice, Temilce Simões de Assis. II. Título.

UFPB/BC

CDU 613.88(043)

ATA DA DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE MESTRADO DE JUSSARA MORAIS VARELA	Defesa No. 93 entrada 1º/2023
--	--

No dia **24 de março de 2025**, às **14h:00**, reuniram-se, **remotamente, através da plataforma Google Meet**, da **Universidade Federal da Paraíba**, os componentes da Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Mestrado, indicados pelo Colegiado do PROFBIO/UFPB, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: **"ENSINO DE SEXUALIDADE: RESSIGNIFICAÇÃO DE SABERES ERRÁTICOS E PADRÕES NEGATIVOS ADQUIRIDOS PELO CONSUMO PRECOCE DE CONTEÚDO PORNOGRÁFICO"**, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Biologia, área de concentração: **Ensino de Biologia**. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, **Dra. Temilce Simões de Assis Cantalice**, após dar conhecimento aos presentes sobre as Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato, para apresentação oral de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Banca se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações: revisar as indicações dos avaliadores diretamente em texto devolvido após arguição da banca.

Professor examinador	Instituição	Indicação
Dr.a Temilce Simões de Assis Cantalice - Orientadora	DCB/CCS/UFPB	APROVADO
Dr. Fábio Marcel da Silva Santos – Membro titular interno	DCB/CCS/UFPB	APROVADO
Dr. José Washington de Moraes Medeiros – Membro titular externo	IFPB	APROVADO

Pelas indicações, a candidata foi considerada: APROVADA

O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Comissão.

Comunicou-se ainda à candidata que o texto final do TCM, com as alterações sugeridas pela banca, se for o caso, deverá ser entregue à Coordenação Nacional do PROFBIO, no prazo máximo de 60 dias, a contar da presente data, para que se proceda a homologação.

Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora.

João Pessoa, 24 de março de 2025.

Dra. Temilce Simões de Assis Cantalice (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **TEMILCE SIMOES DE ASSIS CANTALICE**
 Data: 24/03/2025 16:43:15-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Fábio Marcel da Silva Santos

Documento assinado digitalmente
 **FABIO MARCEL DA SILVA SANTOS**
 Data: 24/03/2025 16:58:24-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. José Washington de Moraes Medeiros

Documento assinado digitalmente
 **JOSE WASHINGTON DE MORAIS MEDEIROS**
 Data: 25/03/2025 11:45:34-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura da mestrand

Documento assinado digitalmente
 **JUSSARA DE MORAIS VARELA**
 Data: 26/03/2025 18:19:07-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo do Coordenador do Colegiado local do PROFBIO

Relato do Mestrando

Instituição: Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Mestrando: Jussara de Moraes Varela

Título do TCM: ENSINO DE SEXUALIDADE: RESSIGNIFICAÇÃO DE SABERES ERRÁTICOS E PADRÕES NEGATIVOS ADQUIRIDOS PELO CONSUMO PRECOCE DE CONTEÚDO PORNOGRÁFICO

Data da defesa:

Sempre acreditei no poder transformador da educação, mas me desafiar em um mestrado profissional parecia um sonho distante. Morando no Rio Grande do Norte e enfrentando deslocamentos semanais até João Pessoa-PB, encarei o desafio de cumprir as demandas do PROFBIO e, ao mesmo tempo, não negligenciar minha missão na sala de aula. Foi um percurso cheio de incertezas, sacrifícios e momentos de superação.

Trabalhar com temas sensíveis como violência contra mulheres, abuso e exploração sexual de menores e papéis de gênero foi particularmente desafiador. Esses assuntos, muitas vezes negligenciados no ambiente escolar, exigem não só preparo técnico, mas também emocional e pedagógico. Ao mesmo tempo, percebi o quanto era necessário romper os silêncios que cercam essas questões para abrir espaço para o diálogo, o aprendizado e, sobretudo, a transformação.

Um dos momentos mais marcantes foi perceber o impacto das minhas aulas. Algumas vezes, após o término do horário, os estudantes decidiam permanecer na sala, debatendo, questionando e compartilhando suas vivências. Esse envolvimento mostrou como a abordagem de temas relevantes pode transcender os conteúdos curriculares e impactar a vida dos estudantes.

O PROFBIO me ensinou mais do que conteúdos ou metodologias, me ensinou sobre resiliência e propósito. Com ele, refinei minha prática, explorei novas formas de ensinar e, principalmente, ampliei minha capacidade de ouvir e acolher. Isso refletiu nos meus estudantes, que passaram a enxergar as aulas como um espaço de troca e aprendizado coletivo.

Hoje, ao olhar para trás, vejo o quanto cresci como educadora e como pessoa. O PROFBIO não só me transformou, mas também ampliou meu impacto na escola e na comunidade. É a prova de que, apesar das dificuldades, persistir no objetivo de contribuir para uma educação mais humana e crítica vale cada esforço.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ter me sustentado nos dias mais difíceis quando achei que a melhor saída seria desistir de algo que tanto batalhei para vivenciar.

À minha mãe Arlene, que por tantos anos trabalhou incansavelmente e renunciou suas noites de sono e suas vontades pessoais para me ajudar a conquistar cada um dos meus objetivos.

À minha tia Adelimária, minha segunda mãe, pelo apoio incondicional, por todo cuidado e por sempre acreditar no meu potencial quando a minha própria crença havia terminado.

À minha tão amada avó Maria das Graças, que pelo seu exemplo me ensinou a ser forte e resiliente e pelas orações e bençãos me mantem constantemente protegida.

Aos amigos Emelyne, Emerson, Maria Rosana e Raí, que dividiram momentos ímpares nesses dois anos de PROFBIO. Grata por cada escuta afetuosa, cada risada e cada lágrima compartilhada. Vocês são luz na minha vida.

À minha querida orientadora Profa. Dra. Temilce Simões de Assis Cantalice, por ter depositado sua confiança naquilo que acredito, por ter me orientado com humanidade sem nunca tirar de mim a liberdade e autonomia.

Aos professores da UFPB, sempre nos guiando com excelência neste processo.

Aos meus tão amados estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, que sempre embarcaram nas minhas ideias e me auxiliaram na construção deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Dedico a cada profissional que se propõe a
construir uma educação que não fecha os olhos
diante das mais diversas formas de violência.*

*“Ensinar exige compreender que a educação é
uma forma de intervenção no mundo.”*

Paulo Freire

RESUMO

A sexualidade humana, apesar de nos acompanhar ao longo da vida, é rotineiramente tratada como um tabu e negligenciada tanto no âmbito familiar quanto no educacional, afastando a informação dos adolescentes. A pornografia frequentemente surge como fonte primária de informação sobre o tema da sexualidade. Além disso, diariamente, os adolescentes são expostos a músicas e conteúdos de redes sociais que difundem uma visão distorcida da sexualidade e de seus corpos. Atualmente, o papel dos educadores no ensino da sexualidade não deve se restringir ao ponto de vista fisiológico, mas estender-se a questões comportamentais, emocionais e sociais, que estão intrinsecamente conectadas a essa temática. Este estudo teve como objetivo analisar as questões sociais inerentes à sexualidade e o consumo precoce de pornografia por adolescentes de escola pública, por meio da aplicação de um questionário prévio e da realização de ciclos de debates e oficinas. Os temas abordados com 88 estudantes da 3ª série do ensino médio de uma escola pública localizada no município de Vera Cruz/RN versaram sobre violência sexual e de gênero, violência contra a mulher, representações da sexualidade na indústria musical, afetividade masculina, papéis de gênero e padrões estéticos da sociedade moderna. Ao utilizar o ensino por investigação, ferramentas digitais, o debate mediado e outras metodologias, foi possível observar a aceitação, o protagonismo e a autonomia dos estudantes ao trabalharem os temas propostos. Por fim, foi desenvolvido um manual didático para auxiliar outros docentes na abordagem de temas sensíveis referentes ao ensino da sexualidade.

Palavras-chave: sexualidade; educação sexual; orientação sexual; consumo de pornografia digital; conteúdo pornográfico.

ABSTRACT

Human sexuality, although it accompanies us throughout life, is routinely treated as a taboo and neglected both in the family and educational spheres, distancing adolescents from accurate information. Pornography often emerges as the primary source of information on the subject of sexuality. Furthermore, adolescents are daily exposed to songs and social media content that disseminate a distorted view of sexuality and their own bodies. Currently, the role of educators in teaching sexuality should not be limited to the physiological point of view but should extend to behavioral, emotional, and social issues that are intrinsically connected to this topic. This study aimed to analyze the social issues inherent to sexuality and the early consumption of pornography by public school adolescents, through the application of a preliminary questionnaire and the implementation of debate cycles and workshops. The themes addressed with 88 third-year high school students from a public school located in the municipality of Vera Cruz/RN focused on sexual and gender-based violence, violence against women, representations of sexuality in the music industry, male affectivity, gender roles, and aesthetic standards of modern society. By using inquiry-based teaching, digital tools, mediated debate, and other methodologies, it was possible to observe the students' acceptance, protagonism, and autonomy when working with the proposed topics. Finally, a didactic manual was developed to assist other teachers in addressing sensitive topics related to sexuality education.

Keywords: sexuality; sex education; sexual orientation; consumption of digital pornography; pornographic content.

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1. Localização do Município de Vera Cruz no mapa do Estado do Rio Grande do Norte.	31
Figura 2. Vista frontal da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.	33
Figura 3. Aplicação dos questionários em turma de 3ª série do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.	34
Figura 4. Questionário respondido por estudante de uma turma de 3ª série do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.	38
Figura 5. Características da etnografia como método de pesquisa.	39
Figura 6. Estudante assinando TCLE em uma turma de 3ª série do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.	40
Figura 7. Estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN fazendo pesquisas na internet em um processo de investigação.	52
Figura 8. Estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN realizando uma roda de conversa sob mediação da docente.	53
Figura 9. Cartaz produzido pelo grupo A de estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	54
Figura 10. Cartaz produzido pelo grupo B de estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	54
Figura 11. Cartaz produzido pelo grupo C de estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	55
Figura 12. Cartazes produzidos pelos estudantes sendo afixados no pátio da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	55
Figura 13. Momento em que a docente conversa com outras turmas a respeito do Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	56
Figura 14. Trecho do relato do estudante 001 sobre o primeiro tema debatido no projeto na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	57
Figura 15. Imagem da postagem no Instagram oficial da 2ª Diretoria Regional de Educação e Cultura referente ao projeto executado na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	57

Figura 16. Trecho da música “Hoje em Dia é Difícil Encontrar”, interpretada por Gabb MC.	58
Figura 17. Trecho da música “Vai, faz a fila”, interpretada pelo artista MC Denny, transcrita pelo estudante 003.	59
Figura 18. Trecho da música “Só surubinha de leve”, composta e interpretada pelo artista MC Diguinho, transcrita pelo estudante 008.	60
Figura 19. Estudantes apertando as mãos durante a dinâmica “Momento do Abraço” na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	62
Figura 20. Estudantes se abraçando durante a dinâmica “Momento do Abraço” na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	62
Figura 21. Conteúdo entregue pelo estudante 012 após o “Momento do Abraço” na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	63
Figura 22. Estudantes dando início a etapa de pesquisa investigativa utilizando recursos digitais da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	64
Figura 23. Sinais de que você é uma pessoa tóxica, criado por estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	66
Figura 24. Grupo A discutindo sobre as formas de violência contra mulher com cartaz em alusão a campanha Agosto Lilás na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	67
Figura 25. Grupo B discutindo sobre as leis de combate à violência contra mulher com cartaz em alusão a campanha Agosto Lilás na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	68
Figura 26. <i>Feedback</i> de um estudante sobre os conteúdos discutidos no Tema III deste trabalho na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	69
Figura 27. Quadro sobre papéis de gênero construído por estudante do sexo feminino da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	70
Figura 28. Quadro sobre papéis de gênero construído por estudante do sexo masculino da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	70
Figura 29. Compilado dos trabalhos sobre “O Corpo Ideal” feitos por estudantes da 3ª série da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	72
Figura 30. Trechos do manual didático resultante da realização deste trabalho na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.	73

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 1. Ranking de países por tráfego no site de conteúdo adulto Pornhub no ano de 2023.	22
Quadro 2. Dados da violência no Brasil no ano de 2023.	25
Quadro 3. Indicadores educacionais do Município de Vera Cruz – RN.	32
Quadro 4. Desenvolvimento das atividades referentes ao projeto executado na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.	34

LISTA DE GRÁFICOS

	Página
Gráfico 1. Identificação de gênero dos estudantes participantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.	42
Gráfico 2. Orientação sexual dos estudantes participantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.	43
Gráfico 3. Renda familiar dos estudantes participantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.	44
Gráfico 4. Início da vida sexual de estudantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.	45
Gráfico 5. Desconforto com o próprio corpo de estudantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.	46
Gráfico 6. Sensação de conforto ao falar sobre sexo com a família de estudantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.	47
Gráfico 7. Fazer coisas contra vontade para agradar um/a parceiro/a (toque, carícia, mudança de comportamento, se afastar de amigos, trocar uma roupa etc.) de estudantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.	48
Gráfico 8. Idade da primeira relação sexual de estudantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.	49
Gráfico 9. Idade do primeiro contato com a pornografia por estudantes da 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 A SEXUALIDADE HUMANA NO CONTEXTO SOCIAL	18
2.2 O ENSINO DE SEXUALIDADE ALÉM DA FISIOLOGIA	18
2.3 A POPULARIZAÇÃO DA INTERNET E O CONSUMO DE PORNOGRAFIA	20
2.4 AS DIFERENTES VIOLÊNCIAS E A PROBLEMÁTICA DA PORNOGRAFIA INFANTIL.....	23
2.5 CAUSAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	25
2.6 O USO DE DEBATES E RODAS DE CONVERSA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA LIDAR COM TEMAS SENSÍVEIS	27
3. OBJETIVOS	29
GERAL.....	29
ESPECÍFICOS	29
4. MATERIAL E MÉTODOS	30
EPISTEMOLOGIA DA PESQUISA	30
ÁREA DE ESTUDO E PÚBLICO-ALVO	31
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
COLETA E ANÁLISE DE DADOS	38
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO	41
PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES A PARTIR DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE OS QUATRO TEMAS TRABALHADOS	50
TEMA I – Violências sexual e de gênero: o <i>revenge porn</i> como forma de violência na era digital	51
TEMA II – Representações da sexualidade na indústria musical e a afetividade masculina	58
TEMA III – A violência contra a mulher e a legislação vigente	63
TEMA IV – Os papéis de gênero e os padrões estéticos da sociedade moderna	69
MANUAL DIDÁTICO COMO RECURSO EDUCACIONAL.....	73
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	78

APÊNDICES	85
APÊNDICE A: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE	85
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	86
APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ	88
APÊNDICE D: TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL.....	89
APÊNDICE E: QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO.....	90
ANEXOS	92
ANEXO 1: CARTA DE ANUÊNCIA DA ESCOLA/LOCAL DA PESQUISA	92
ANEXO 2: ARTIGO SPPM/MS: “VIOLÊNCIA SEXUAL”	93
ANEXO 3: VÍDEO DO CANAL VICE BRASIL: “CAIU NA REDE: PORNOGRAFIA DE VINGANÇA”	95
ANEXO 4: PAPO DE HOMEM: “PAPO SAÚDE – VIOLÊNCIA DE GÊNERO”	96
ANEXO 5: ARTIGO DA FUNDAÇÃO CHILDHOOD: “O ABUSO SEXUAL CONTRA MENINOS EXISTE! E TAMBÉM MERECE SUA ATENÇÃO”	97
ANEXO 6: TRECHO DA MÚSICA “HOJE EM DIA É DIFÍCIL ENCONTRAR”, INTERPRETADA PELO ARTISTA GABB MC.....	99
ANEXO 7: LETRA DA MÚSICA “VAI, FAZ A FILA”, INTERPRETADA PELO ARTISTA MC DENNY E DE AUTORIA DESCONHECIDA.	100
ANEXO 8: TRECHO DA MÚSICA “SÓ SURUBINHA DE LEVE”, COMPOSTA E INTERPRETADA PELO ARTISTA MC DIGUINHO	101
ANEXO 9: DOCUMENTÁRIO DO CANAL PAPO DE HOMEM: O SILÊNCIO DOS HOMENS”	102
ANEXO 10: VÍDEO DO CANAL MEMORISTA: “QUEM É MARIA DA PENHA? A HISTÓRIA DA LEI MARIA DA PENHA”	103
ANEXO 11: VÍDEO DO CANAL JU CASSINI: “A VÍTIMA INVISÍVEL ELIZA SAMUDIO”	104
ANEXO 12: VÍDEO DO CANAL A MODISTA DO DESTERRO: “VOCÊ SERIA BONITA NA IDADE MÉDIA? UM PAPO SOBRE PADRÕES DE BELEZA”	105
ANEXO 13: VÍDEO DO CANAL MAITRES SELINEA: “A ROMANTIZAÇÃO DA MAGREZA EXTREMA VOLTOU!”	106

1. INTRODUÇÃO

A história da educação não pode dissociar-se da história como um todo, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem é inerente ao ser humano e a educação em si é um espelho de diversas esferas da sociedade. Ao longo da história é possível observar que a educação evolui de tempos em tempos e é interpretada de acordo com a construção social da época e local analisado. Na Grécia Antiga, por exemplo, a educação era vista como um processo de formação integral do indivíduo, contemplando aspectos físicos, mentais e morais. Como resume Leão, Ferreira e Fialho (2010, p. 13):

Esparta e Atenas tinham, na época clássica, tipos de educação sensivelmente diferenciados. Mas nos primeiros tempos isso não acontecia. Nos primórdios, a educação tinha por finalidade a preparação do cidadão para a defesa do seu país. Era por isso, de início, um ensino apenas militar, que incluía evidentemente os exercícios físicos. Pretendia adestrar no manejo das armas os futuros defensores da pólis. (Leão, Ferreira e Fialho, 2010, p. 13)

No Brasil, a educação como um direito é assegurada pela Constituição Federal de 1988 e pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de número 9.394 que trata dos parâmetros a serem seguidos para garantir um ensino de qualidade tanto na rede pública quanto na rede privada. Segundo esta lei, “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais e deve se vincular ao mundo do trabalho e à prática social” (Brasil, 1996).

De acordo com o artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a educação gratuita e de qualidade é um direito humano fundamental, sendo assim, é reconhecidamente essencial para o desenvolvimento humano e a promoção da igualdade social, além de ser um caminho para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Mesmo após ser reconhecida como um direito de todos e um dever do Estado brasileiro, o acesso à educação seguiu marcada por desigualdade social e exclusão de grandes parcelas da população. Estima-se que somente no ano de 2019 cerca de 1,1 milhão de crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória estavam fora da escola, sendo que 70% deste grupo é formado por pretos, pardos e indígenas (Brasil, 2019).

Como etapa final do processo de formação da Educação Básica, o Ensino Médio tem por finalidade o aprimoramento do estudante como cidadão, apresentando como premissa uma formação ética, política, estética e o desenvolvimento por competências para dar continuidade

ao seu aprendizado (Natal, 2021). Em 2017, a Lei nº 13.415 alterou a supracitada Lei de Diretrizes e Bases da Educação e reestruturou o Ensino Médio aumentando a carga horária mínima, de 800 horas para 1.000 horas, e delineou uma nova estrutura curricular com maior flexibilidade, enfoque na formação técnica e profissional, divisão de áreas de conhecimentos por itinerários formativos para diversificar as possibilidades de escolhas pelos estudantes, tudo isso levando em consideração a Base Nacional Curricular Comum. No ano de 2022, começou a ser implantando o Novo Ensino Médio em todo território brasileiro de forma gradual, espera-se que a reforma traga melhorias significativas para a educação no país, permitindo que os estudantes tenham uma formação mais adequada às suas necessidades e ao mercado de trabalho.

Cada estado da federação deve adaptar o currículo escolar de acordo com suas especificidades socioculturais e regionais. No caso do Rio Grande do Norte, foi criado o Novo Ensino Médio Potiguar, que integra em seus itinerários formativos temas relevantes à história e cultura local, além de abordar conteúdos relativos à temática da sexualidade. Essa inclusão está em conformidade com a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que consideram a sexualidade como um tema transversal essencial na educação básica.

A transversalidade da sexualidade está pautada em princípios que englobam o desenvolvimento integral do sujeito, nivelando-se a valores como cidadania, ética, direitos humanos e saúde. Conforme apontam os PCNs, a educação sexual deve ser tratada não somente como um conteúdo biológico, mas também como um campo interdisciplinar que dialoga com áreas como a psicologia, a sociologia e a ética, contribuindo para a formação de indivíduos dotados de consciência e senso crítico. Segundo Nunes e Wajnman (2003), abordar sexualidade no ambiente escolar possibilita aos estudantes uma reflexão sobre os impactos das normas sociais, culturais e de gênero no seu próprio processo de construção identitária.

A exclusão dos termos "sexualidade" e "gênero" na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) torna explícita a necessidade de iniciativas locais e projetos independentes para tratar dessas questões. De acordo com Desidério (2020), essa exclusão representa um retrocesso no ensino de Ciências, dificultando o desenvolvimento de habilidades críticas e éticas nos estudantes. Além disso, Silva (2020) salienta que a ausência desses temas na BNCC negligencia discussões de grande importância sobre igualdade de gênero e respeito à diversidade, perpetuando preconceitos e desigualdades.

As atividades aqui planejadas, embora não se restrinjam à biologia como encontrada nos livros didáticos, estão plenamente justificadas pela natureza da interdisciplinaridade e por sua

contribuição para a formação integral dos estudantes. A sexualidade, como tema transversal, é relevante porque:

- Representa um problema fundamental e urgente da vida social, principalmente frente aos desafios contemporâneos como o consumo precoce de pornografia e a violência sexual.
- Reflete um processo de construção do sujeito, influenciado por fatores culturais e sociais, conforme ressaltado por Louro (2000), que discute como as questões de gênero e sexualidade são estruturadas e naturalizadas pela sociedade.
- Está diretamente relacionada à cidadania, ética, direitos humanos e educação para a saúde, sendo uma abordagem essencial para a promoção de relações respeitadas e responsáveis, como destacam Silva e Viana (2010).

Portanto, as propostas deste estudo, que envolvem ciclos de debates e oficinas temáticas, encontram-se alinhadas à função da escola como ambiente promotor de uma educação integral, permitindo que os estudantes compreendam sua sexualidade de maneira saudável e respeitosa, enquanto desenvolvem competências essenciais para sua vida em sociedade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A sexualidade humana no contexto social

O termo sexualidade começou a ser utilizado em meados do século XIX mas o seu uso e compreensão seguiram uma constante evolução até os dias atuais sob influência inicial de pesquisadores como Sigmund Freud que punha a sexualidade como parte central da psique humana. Neste momento da história, a sexualidade estava mais intimamente relacionada ao caráter moral, psicológico e comportamental humano. Para Foucault (1977), a sexualidade desponta como uma construção social com implicações divergentes a depender dos contextos sociais e culturais vigentes, o dispositivo da sexualidade não possui simetria e as relações de poder irão definir o que é aceitável ou não.

Para Jeffrey Weeks (1993), a sexualidade tem tanto a ver com o corpo quanto tem com as imagens, rituais, palavras e fantasia. Sendo assim, Sabat (2001) diz que as identidades sexuais não são fixas e se constroem entre relações de poder e representações culturais determinados por um sistema dominante que impõe comportamentos e naturaliza relações.

Para Eisenstein (2013), a sexualidade é um processo evolutivo que acompanha o ser humano durante toda a sua vida e se relaciona com as esferas biológica, psicológica e social na construção da personalidade. A sexualidade é uma propriedade fundamental da identidade humana e abrange fatores como gênero, comportamento, orientação sexual, afetividade, emocionalidade, a forma como nos vemos e como vemos o outro, nossos relacionamentos e várias outras nuances inerentes a nossa personalidade, além disso ela sofre influência da biologia, cultura, experiências pessoais e crenças. A sexualidade não é fixa ou imutável e graças a isso o seu exercício pode ser vivenciado de múltiplas maneiras ao longo da vida.

2.2 O ensino de sexualidade além da fisiologia

A história do ensino de biologia começa com a observação e descrição dos fenômenos naturais pelos seres humanos e o desenvolvimento de teorias sobre a vida e a evolução das espécies pelos chamados naturalistas. Freire (1992) considerava a prática docente de biologia como algo que transpõe o ensino tradicional do conteúdo e adota um caráter político e social, não podendo assim ignorar tais fatores externos.

E não se diga que, se sou professor de Biologia, não posso me alongar em considerações outras, que devo apenas ensinar Biologia, como se o fenômeno vital

pudesse ser compreendido fora da trama histórico-social, cultural e política. Como se a vida, a pura vida pudesse ser vivida de maneira igual em todas as suas dimensões na favela, no cortiço ou numa zona feliz dos “Jardins” de São Paulo. Se sou professor de Biologia, obviamente, devo ensinar Biologia, mas ao fazê-lo, não posso seccioná-la daquela trama. (Freire, 1992, p. 35).

Mesmo sendo de grande importância para a formação científica dos estudantes e a compreensão do mundo natural, o ensino de biologia acaba se tornando exaustivo devido à quantidade de termos que não fazem parte do cotidiano do estudante e da necessidade de memorização de alguns processos mais complexos. Estes fatores dão uma impressão de que os saberes dessa disciplina já estão prontos e o estudante não pode criar nenhum conhecimento, apenas absorver o que é visto.

Algumas abordagens como o ensino de ciências por investigação e a alfabetização científica visam contornar este quadro e tornar o discente um membro ativo no processo de ensino aprendizagem. O ensino de ciências por investigação tenta estimular o questionamento, a formulação de hipóteses e a experimentação, com o estudante sempre como o protagonista da construção do saber. Já a alfabetização científica, além de auxiliar a compreensão de saberes científicos, permite que o pensamento crítico e a capacidade de argumentação sejam desenvolvidos, tornando o estudante apto a compreender e refletir sobre o mundo ao seu redor (Carvalho, 2013; Sasseron e Carvalho, 2009).

O ensino de sexualidade, por sua vez, é uma questão mais recente na história da educação. No Brasil, a discussão sobre sexualidade no ambiente escolar se intensificou a partir dos anos 1990, devido à disseminação do HIV e a necessidade de conscientização sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST). Para Figueiró (1996), a educação sexual irá nos acompanhar ao longo da nossa existência e pode-se defini-la como sendo:

[...] toda ação de ensino/aprendizagem sobre a sexualidade humana seja em nível de conhecimento de informação básica, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual. (Figueiró, 1996, p. 51).

A educação sexual que recebemos nos auxilia na construção da nossa própria sexualidade e, por sua vez, é influenciada por fatores sociais, históricos e culturais como as interações familiares, religiosas, regionais, escolares e afetivas. É notável sua importância para a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos estudantes, mas sabemos que não se restringe a isso (Figueiró, 2006).

Reduzir o ensino de sexualidade ao caráter biológico é ignorar toda a dimensão da sexualidade humana e acaba por não sanar as curiosidades dos educandos e deixar de lado toda

a subjetividade deste aspecto da personalidade humana. Por isso, cabe à escola uma atitude crítica, reflexiva e educativa no desenvolvimento da sexualidade dos estudantes, uma vez que ela intervém de múltiplas formas. A Orientação Sexual terá um papel auxiliar no conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos, além da prevenção de violências sexuais e consequente fortalecimento da autoestima (Brasil, 2013).

É importante que o professor leve em consideração todos esses atributos citados anteriormente e não se atenha somente ao ponto de vista fisiológico ao falar de sexualidade, uma vez que diversos aspectos afetam diretamente as relações sociais desenvolvidas pelos jovens. Sasseron (2015) fala da importância de se levar em consideração a ciência como algo além de informações aceitas pela sociedade e de compreender questões que transcendem o currículo e que afetam a forma que entendemos o mundo que está em constante modificação.

Figueiró (2010) fala que uma abordagem emancipatória para o ensino de sexualidade atende não somente o caráter científico mas leva em consideração os aspectos psicológicos e afetivos, visando proporcionar um ambiente de bem estar aos partícipes. Essa abordagem inclui a esfera pedagógica e o compromisso de transformação social ao importar-se com a luta contra os diferentes preconceitos e quebra de tabus estabelecidos por uma sociedade conservadora. O envolvimento com lutas coletivas, o ensino da tolerância e da pluralidade e o combate às diferentes violências possibilitam reflexões enriquecedoras.

Neste cenário, o ensino de ciência por investigação surge como uma excelente alternativa para a construção desta abordagem emancipatória por centralizar o processo de construção do saber no aluno, levando em consideração seus conhecimentos prévios, suas vivências, além de trabalhar a autonomia e a independência do mesmo e tornar o ambiente de ensino mais dinâmico e colaborativo (Carvalho, 2013).

2.3 A popularização da internet e o consumo de pornografia

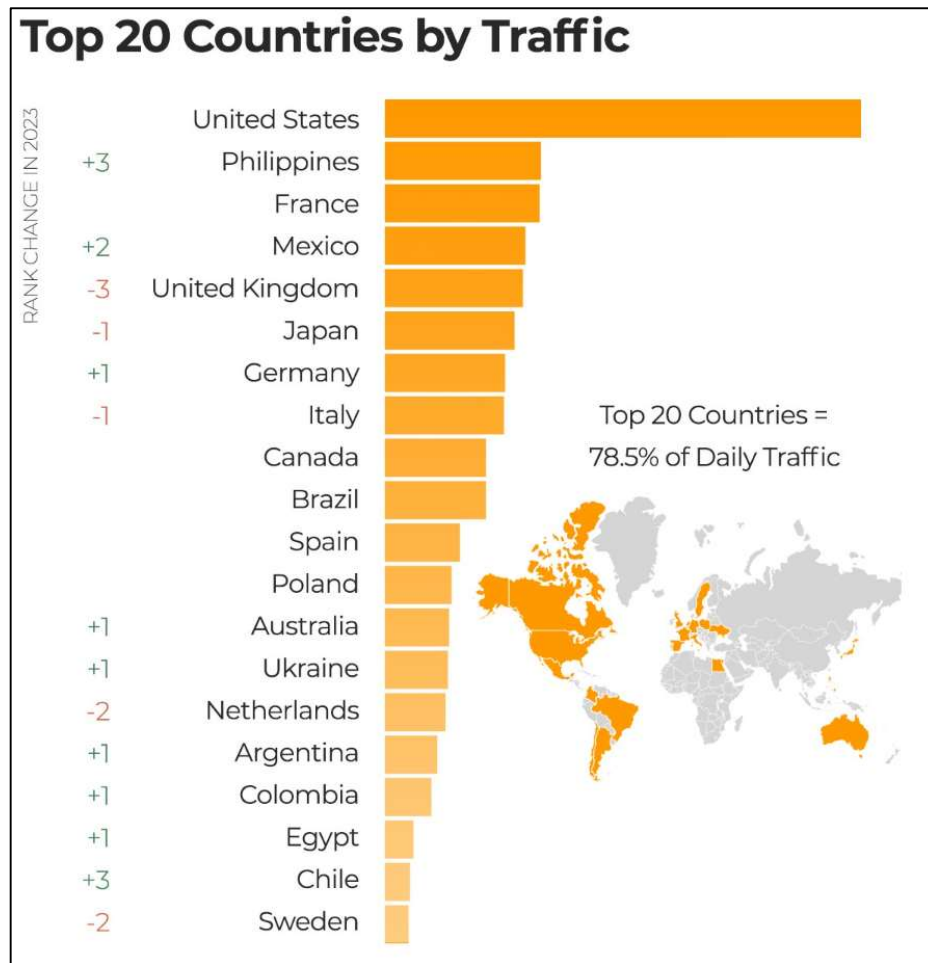
A popularização da internet no final da década de 1990 modificou as dinâmicas familiares e as relações interpessoais. O fácil acesso à tecnologia encurtou distâncias e possibilitou que uma parcela maior de pessoas tivesse acesso a um volume alto de informações constantemente. De acordo com dados do IBGE (Brasil, 2022), no ano de 2021, cerca de 90% dos lares brasileiros tinham acesso à internet. Em termos absolutos, isso representa 65,6 milhões de domicílios, um aumento de 5,8 milhões em relação ao ano de 2019. Cerca de 98,8% dos usuários acessavam a *internet* através de um aparelho de telefone celular. A utilização (naquele ano) se concentrava nas trocas de mensagens, chamadas de voz e vídeo e consumo de conteúdo audiovisual.

Segundo Freitas e Oliveira (2021), após o período de isolamento social adotado em 2020 como medida preventiva contra a pandemia de COVID-19, causada pelo SARS-CoV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), que teve início nos meses finais de 2019, este distanciamento físico tornou o espaço digital a principal forma de interação, alterando assim a maneira em que os relacionamentos funcionavam entre os indivíduos e os sustentando, uma vez que até mesmo os relacionamentos afetivos sexuais foram direcionados para plataformas digitais.

Um dos efeitos da expansão da tecnologia foi a facilitação do consumo de conteúdos pornográficos. Segundo Braga (2018), a internet, ao oferecer acesso imediato e ilimitado a uma grande variedade de conteúdos, favoreceu a democratização do consumo de pornografia, que agora é mais acessível e mais discretamente consumível. Para Leite (2009), a pornografia pode ser compreendida como a representação sexual visando em especial a excitação erótica de seu público e estando intimamente relacionada com a produção padronizada para um mercado estabelecido. Já para Lopes (2013), a pornografia se configura como a comercialização do sexo ao exibir indivíduos em situações que visam a obtenção de satisfação sexual.

Um relatório anual do site de conteúdo erótico explícito *PornHub* do ano de 2023 mostrou os dados e tendências sobre o comportamento dos usuários e seus respectivos consumos de conteúdo. O documento traz informações globais e especifica também alguns hábitos dos países mais consumidores. Segundo a *Pornhub Insights* (2023), O Brasil ocupa a 10ª posição entre os totais de acessos globais (**Quadro 1**) e no ano de 2023 apresentou um aumento de 486% em relação ao relatório anterior nas buscas da categoria “*hardcore sex*”. Este aumento significativo chama atenção pois esta categoria da pornografia é pautada por cenas de agressividade incluindo tapas, socos, xingamentos e outras formas de violência.

Quadro 1 – Ranking de países por tráfego no site de conteúdo adulto Pornhub no ano de 2023.



Fonte: Pornhub Insights, 2023.

De acordo com uma pesquisa realizada no ano de 2021 em 3.650 brasileiros pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para a *Internacional Sex Survey*, a maioria dos brasileiros tem o seu primeiro contato com a pornografia durante o período da adolescência, aos 12 anos de idade. Este dado preocupa porque trata-se de um contato durante um período que é anterior aos primeiros eventos relacionados à vida sexual fora da *internet* (IPQ, 2022).

A pornografia surge em vários casos como fonte primária de pesquisa sobre a temática, já que se trata de um conteúdo de fácil acesso devido à sua disponibilidade de forma gratuita em toda rede de computadores e por ser constantemente disseminado em redes sociais que muitas vezes são utilizadas diariamente por estes jovens sem a devida supervisão de seus responsáveis (Braga, 2018; Boccolini e Martins, 2019).

É preciso analisar a relação existente entre o consumo de conteúdo pornográfico, em especial os vídeos, encontrados facilmente não só em sites específicos, mas também em redes

sociais como X® (antigo Twitter), Telegram®, Whatsapp®, Instagram®, TikTok®, etc, com questões referentes a sexualidade, tais como: Dessensibilização e naturalização das violências sexuais e de gênero pela romantização e erotização da humilhação, ridicularização e dominação (tapas e xingamentos são normais em uma relação sexual ou não); necessidade de adequação a um padrão social e estético irreal (minhas mamas/órgãos genitais ou meu corpo e aparência precisam ser de determinado tamanho, formato e cor para que sejam bonitos e atraentes); necessidade de performar durante o ato sexual (mesmo não estando confortável, preciso agir igual ao ator/atriz para ter um bom desempenho sexual); sexualidade pautada na competição (uso o sexo para me provar melhor que os demais); distanciamento emocional nos relacionamentos (“pego e não me apego”, não consigo estabelecer relações pessoais concretas); sexualidade de caráter quantitativo e não qualitativo (sou melhor se tiver mais parceiros, órgão genital maior, alto volume ejaculatório, etc).

2.4 As diferentes violências e a problemática da pornografia infantil

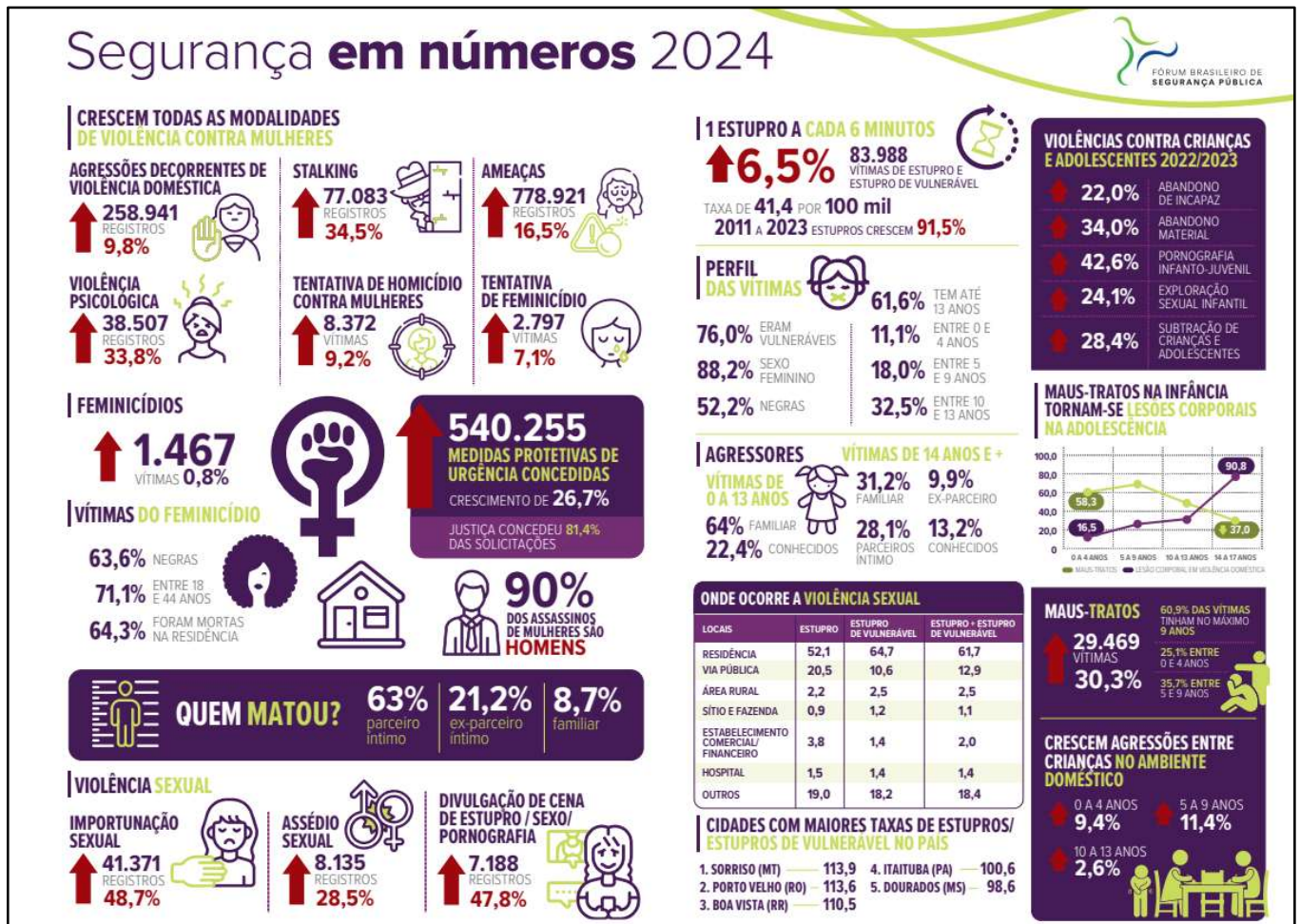
Juntamente ao crescente consumo de pornografia, nos deparamos com uma forma de violência de gênero que está diretamente atrelada à expansão da vida digital, o *Revenge Porn*. O *Revenge Porn*, ou Pornô de Vingança, desponta como uma violência de gênero exclusiva deste momento em que a popularização dos equipamentos eletrônicos e redes sociais torna-se crescente, caracteriza-se pela divulgação não autorizada de conteúdo íntimo de nudez ou sexo que geralmente foi produzido de maneira consensual e compartilhado com alguém de confiança, comumente um parceiro, mas que em dado momento são utilizados de forma maldosa contra a vítima. De acordo com Burégio (2015), o agressor tem o intuito de vingar-se da pessoa exposta colocando-a em situação vexatória e constrangedora para a sociedade, uma vez que a mesma, em sua percepção, o feriu findando um relacionamento ou seguindo quaisquer rumos divergentes de sua vontade.

O ensino de sexualidade possui um importante papel no reconhecimento e combate das violências sexuais e de gênero. Entendemos por violência sexual todo e qualquer ato de cunho sexual que não tenha sido desejada ou consentida pela vítima, tendo ela alguma relação ou não com o agressor. As vítimas de violência sexual são majoritariamente do sexo feminino e o agressor geralmente é um indivíduo do sexo masculino que possui algum tipo de proximidade com a vítima (Heise e Garcia-Moreno, 2002). Sabendo do amplo espectro ocupado pela sexualidade na vida dos nossos discentes, os debates da temática se fazem cada vez mais relevantes.

Dados obtidos no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024) mostram que no mesmo ano em que temos um aumento nas buscas de um gênero de pornografia violenta, o registro de crimes praticados contra mulheres aumentou, totalizando 1.238.208 mulheres vitimadas. Os crimes em questão são homicídio e feminicídio, nas modalidades consumadas e tentadas, agressões em contexto de violência doméstica, ameaça, perseguição (*stalking*), violência psicológica e estupro. De acordo com o Ministério das Mulheres (2024), no ano de 2022 as três principais formas de violência empregadas contra mulheres são a física (45%), a psicológica (24,2%) e a sexual (17,4%). A maioria dessas situações de violência ocorre na residência da vítima ou em locais que ela costuma frequentar e os principais agressores são homens de seu convívio sejam eles companheiros, ex-companheiros ou parentes.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024) chama atenção também para a quantidade de crimes de estupro no país (**Quadro 2**), foram 83.988 vítimas no ano de 2023, ou seja, 1 crime de estupro a cada 6 minutos, segundo os registros policiais, os estupros de vulnerável são 76% destes casos. Caracteriza-se por estupro de vulnerável além da conjunção carnal ou atos libidinosos com menores de 14 anos, qualquer destas práticas com pessoas que possuam condições de saúde ou mentais que impeçam o consentimento ou algum estado temporário onde não possa se defender dos atos.

Quadro 2 – Dados da violência no Brasil no ano de 2023.



Fonte: Anuário de Segurança Pública, 2024.

No ano de 1990 foi sancionada a Lei nº 8.069/1990, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente que visa proteger crianças e adolescentes de situações de abuso e exploração e trata a pornografia infantil como uma grave violação dos direitos de menores. Os artigos 240 e 241 desta lei criminalizam a distribuição, produção, venda, exibição e armazenamento de conteúdo pornográfico envolvendo menores de 18 anos (Brasil, 1990). Mesmo com a existência desta lei, entre 2022 e 2023 houve um aumento de 24,1% nos casos de exploração sexual infantil e 42,6% de pornografia infanto-juvenil (Ministério das Mulheres, 2024).

2.5 Causas da violência contra a mulher

Os dados encontrados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023) trazem à tona um panorama de violência que afeta de maneira desproporcional mulheres e meninas, necessitando-se de uma análise aprofundada das raízes sociais, culturais e estruturais dessa

problemática. A violência contra as mulheres está estritamente enraizada em arranjos patriarcais que historicamente estabelecem a figura masculina como sendo dominante. Beauvoir (1980), em “O Segundo Sexo”, argumenta que a condição feminina é socialmente construída como "outra" se comparada ao masculino, perdurando uma hierarquia que naturaliza a mulher em uma eterna posição de submissão. Esse estado de desigualdade manifesta-se diante dos nossos olhos como práticas culturais que corroboram com a objetificação do corpo feminino e o poder masculino exercendo controle sobre ele.

No Brasil, fatores como machismo, desigualdade social e ineficácia do sistema de justiça criminal exacerbam essa vulnerabilidade, tornando a normalização da violência contra as mulheres uma questão estrutural. De acordo com Diniz e Medeiros (2022), a cultura de objetificação e hipersexualização feminina reforça uma visão que legitima o controle masculino sobre os corpos das mulheres. Essa dinâmica é reforçada por práticas sociais e institucionais que minimizam as denúncias de violência, culpabilizam as vítimas e promovem a impunidade dos agressores. Connell (2021) argumenta que a masculinidade hegemônica potencializa comportamentos violentos e reforça a dominância masculina. Homens são socializados para associar poder e controle à sua identidade de gênero, criando dinâmicas abusivas e práticas de violência contra mulheres e crianças.

Segundo Butler (2019), os atos de violência, como estupros e assédios, não são apenas expressões individuais de agressão, mas dispositivos estruturais que reforçam desigualdades de poder. Ao que se refere ao sistema de justiça, apesar da existência de legislações avançadas, como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990), a implementação dessas medidas enfrenta barreiras culturais e institucionais, tornando a resposta da lei insuficiente em diversos casos.

Para que possamos superar este cenário, é essencial que haja investimento em políticas públicas integradas que promovam a equidade de gênero. A educação desempenha um papel imprescindível na desconstrução de padrões de masculinidade tóxica, propiciando a formação de valores pautados no respeito mútuo e na empatia. Conforme argumenta Freire (1996), a educação emancipatória constitui um instrumento indispensável para a transformação de relações opressivas em vínculos pautados pela solidariedade e pela justiça, além disso, o fortalecimento de redes de apoio às vítimas e a capacitação especializada dos profissionais que atuam no sistema de justiça, podem ser citados como medidas fundamentais para reduzir as manifestações de violência de gênero.

2.6 O uso de debates e rodas de conversa como ferramenta didática para lidar com temas sensíveis

Os dados citados acima tornam clara a necessidade de combater as violências que afetam crianças e adolescentes e, como escola, não podemos nos abster da responsabilidade de fomentar uma educação neste sentido. A elaboração de um ambiente educacional saudável, que respeite as individualidades e construa situações de ensino que auxiliem os estudantes a reconhecer diferentes formas de violência é imprescindível para a construção de uma sociedade mais justa. A utilização de debates e rodas de conversa como ferramentas didáticas fornecem um espaço de segurança e inclusão para explorar temas sensíveis que comumente são deixados à margem do ambiente escolar. A promoção de uma escuta ativa e respeitosa possibilita que os participantes compartilhem opiniões e vivências, além de colaborar para a exploração e entendimento que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano (Creswell, 2010).

Para Freire (1996), a educação onde o conhecimento se constroi de maneira coletiva viabiliza uma formação crítica do indivíduo, permitindo assim que ele assimile de forma mais consciente a realidade que o cerca e questione os padrões sociais que lhe são impostos. Propiciar ao estudante a possibilidade de ouvir e ser ouvido na construção do conhecimento implica em ensinar o respeito e a empatia. Em conformidade com este pensamento, Warschauer (2001, p.179) diz que

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc [...]. (Warschauer, 2001, p. 179)

Essas abordagens necessitam de um planejamento cauteloso e que considere a diversidade cultural e social dos estudantes. Ao optar por utilizar debates e rodas de conversa em sua prática diária ou em atividades pontuais, o docente deve manter uma postura neutra e inclusiva durante a mediação para que os diferentes pontos de vista sejam ouvidos. A falta de preparo dos educadores ao lidar com temas referentes a sexualidade que podem ser complexos e polarizados se mostra como uma dificuldade a ser vencida já que pode escalar para discussões mais acaloradas entre os estudantes. Para Freire e Shor (1987) o diálogo não deve ser compreendido como uma situação em que pode se fazer tudo o que se quer e sim como uma atividade com limitações e condicionantes do que podemos fazer. Para que o diálogo atinja seu objetivo no ambiente escolar é preciso que tenha responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina e objetivos.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

- Promover ciclos de debates sobre educação sexual no ensino de Biologia, com enfoque no comportamento sexual de adolescentes e na ressignificação de concepções errôneas adquiridas pelo consumo precoce de pornografia.

3.2 Específicos

- Fomentar a construção de novos saberes no espectro da sexualidade humana, na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte;
- Averiguar junto à turma os conceitos problemáticos adquiridos com o consumo precoce de conteúdo pornográfico;
- Discutir as formas de violências sexual e de gênero e os cuidados que devemos tomar para evitar essas violências;
- Orientar sobre a relação entre o consumo de pornografia e o ensino de sexualidade na era da tecnologia;
- Construir um manual de práticas didáticas para auxiliar profissionais docentes a debater temas comumente negligenciados no ensino de sexualidade.

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Epistemologia da Pesquisa

A abordagem adotada foi qualitativa e quantitativa, Gatti (2004) e Knetchel (2014) consideram que ambas as abordagens são complementares e permitem uma compreensão mais complexa dos fenômenos analisados, uma vez que a interpretação dos dados numéricos será auxiliada pela observação durante a etapa qualitativa. Optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica para embasamento teórico e observação participante do tipo ativa com pertencimento original e etnografia.

Os dados quantitativos, foram obtidos em um questionário diagnóstico (**Anexo 1**) com questionários estruturados, questões fechadas, questões abertas e escalas (avaliativa, de concordância, etc.). A partir da análise dos dados obtidos aqui, será possível selecionar melhor as temáticas a serem abordadas nas etapas seguintes e as estratégias mais adequadas para tratar temáticas mais delicadas.

Os dados qualitativos irão explorar as complexidades da questão por meio da subjetividade na interpretação das questões que possam surgir no decorrer do processo, já que esse tipo de pesquisa está relacionado ao significado que os participantes dão às experiências sociais vividas (Brandão 2001). Em concordância com isto, Minayo (2009) fala que:

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões referentes a um conjunto de fenômenos humanos entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (Minayo, 2009, p. 21)

A pesquisa qualitativa com avaliação formativa foi realizada através da observação de quatro ciclos de oficinas e debates em que os estudantes foram pesquisar sobre o tema de cada um desses momentos, discutiram em conjunto e produziram materiais do tipo desenhos, cartazes e panfletos com base nas reflexões obtidas por meio destas discussões.

Com uma economia baseada predominantemente em atividade agropecuária, agricultura familiar e atividades relativas ao serviço público, o município apresentava em 2021 um PIB *per capita* de R\$ 9.680,28. Localizada na microrregião do Agreste Potiguar, possui uma área territorial de 84.127 km² sendo 3,07 km² de área urbanizada. Segundo o IBGE, em 2023, o município possuía 542 estudantes matriculados no Ensino Médio (**Quadro 3**). A Escola Estadual Monsenhor Paiva (**Figura 2**), local onde ocorreu este estudo, está localizada na zona urbana do município de Vera Cruz – RN.

Quadro 3 – Indicadores educacionais do Município de Vera Cruz – RN.

 EDUCAÇÃO	
Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade [2010]	97,8 %
IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) [2023]	5,2
IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) [2023]	4,4
Matrículas no ensino fundamental [2023]	1.762 matrículas
Matrículas no ensino médio [2023]	542 matrículas
Docentes no ensino fundamental [2023]	70 docentes
Docentes no ensino médio [2023]	19 docentes
Número de estabelecimentos de ensino fundamental [2023]	6 escolas
Número de estabelecimentos de ensino médio [2023]	1 escolas

Fonte: IBGE, 2023.

Figura 2 - Vista frontal da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.



Fonte: Varela, 2024.

Segundo a Secretaria de a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC-RN), a instituição é composta por 50 funcionários ativos em seu quadro de servidores, destes 19 são docentes (efetivos e temporários), 05 atuam na gestão, e 03 formam a equipe de apoio pedagógico. O funcionamento se dá nos três turnos, atendendo 1ª, 2ª e 3ª séries do Novo Ensino Médio Potiguar distribuídos em 13 turmas. De acordo com dados do censo escolar 2023, a escola atendia 519 estudantes oriundos da zona urbana e rural do município.

Para a realização deste estudo foram selecionadas as turmas de 3ª série dos três turnos (uma do matutino, duas do vespertino e uma do noturno) para a etapa de obtenção de dados quantitativos através de um questionário diagnóstico (**Figura 3**). Devido ao quantitativo de aulas, somente a turma do turno vespertino participou da etapa qualitativa (ciclos de debates e oficinas).

Figura 3 – Aplicação dos questionários em turma de 3ª série do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.



Fonte: Varela, 2024.

O total de estudantes matriculados na 3ª série era de 120 estudantes, destes, 88 responderam ao questionário e 32 não quiseram ou não puderam participar (**Gráfico 1**).

4.3 Procedimentos Metodológicos

O desenvolvimento desta pesquisa cumpriu um planejamento dividido em etapas expostas no **Quadro 4** a seguir:

Quadro 4 – Desenvolvimento das atividades referentes ao projeto executado na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.

ETAPAS DA PESQUISA	DESCRIÇÃO
Apresentação do projeto à equipe gestora DURAÇÃO: uma hora	O projeto foi exposto aos gestores por meio de documentos e uma breve apresentação de <i>slides</i>, sanando dúvidas sobre a execução e conteúdos trabalhados e salientando a relevância da temática

	para os estudantes participantes. Aqui também foi assinado o termo de anuência que possibilitou o prosseguimento das atividades na escola.
Apresentação do projeto à equipe pedagógica DURAÇÃO: uma hora	A coordenação e alguns professores puderam compreender melhor as ações que iriam ocorrer, as turmas envolvidas, as temáticas trabalhadas e a importância do trabalho para a vivência estudantil.
Assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE DURAÇÃO: duas aulas de 50 minutos	Os estudantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice B) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (Apêndice A) e as informações iniciais sobre o projeto. Esta foi uma etapa de grande importância para que eles aderissem ao projeto de forma consciente.
Aplicação do questionário diagnóstico DURAÇÃO: uma aula de 50 minutos	Os 88 estudantes dos três turnos responderam ao questionário (Apêndice E) composto por 26 perguntas abertas e fechadas que abordavam desde dados socioeconômicos até consumo de pornografia.
Análise inicial dos dados coletados e seleção dos temas a serem abordados DURAÇÃO: não se aplica	Com base nos dados obtidos com a aplicação do questionário foi possível compreender melhor o público-alvo e selecionar os temas a serem discutidos nas rodas de conversa e debates deste estudo. Para aplicar este estudo, foi criada uma disciplina eletiva de nome “A sexualidade na era digital”
Início do Tema I – VIOLÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO: O REVENGE PORN COMO FORMA DE VIOLÊNCIA NA ERA DIGITAL	Foi apresentada uma situação-problema fictícia e após os estudantes responderam alguns questionamentos feitos para estimular o interesse da temática a ser discutida e dar início ao conteúdo. Em seguida, toda a turma assistiu a um vídeo e recebeu

	cópias de um texto. A turma foi dividida em três grupos para realizar as investigações sobre o tema.
Socialização do Tema I	Foi realizada uma roda de conversa na sala de informática e os estudantes, sob mediação da docente, falaram sobre os saberes construídos, tiraram dúvidas, formularam hipóteses e puderam ouvir e discutir as ideias dos colegas.
Conclusão do Tema I	Os estudantes produziram cartazes e sugeriram que fossem fixados do pátio para que outros estudantes também se apropriassem dos conhecimentos construídos. Eles também levaram um artigo para ser lido em casa e foram feitas as considerações finais sobre a temática.
Início do Tema II – REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA INDÚSTRIA MUSICAL E A AFETIVIDADE MASCULINA	Devido a uma demanda observada pela docente na turma participante desta atividade, fez-se necessário subdividir este tema em dois Subtemas trabalhados em momentos distintos: Representações da Sexualidade na Indústria Musical e A Afetividade Masculina. Para o primeiro Subtema (Representações da Sexualidade na Indústria Musical) os estudantes foram questionados sobre uma música ouvida frequentemente por eles. Para o Subtema II (A Afetividade Masculina) os estudantes responderam alguns questionamentos iniciais e posteriormente assistiram ao documentário “O Silêncio dos Homens” (Anexo 9) e foi solicitado que fizessem pesquisas sobre os temas abordados no documentário.
Debate do Tema II	No Subtema I, os estudantes pesquisaram músicas com letras que eles consideravam problemáticas na esfera da Sexualidade Humana e entregaram uma breve análise escrita. No Subtema II, os estudantes

	foram reunidos na sala de informática para socializar suas constatações e os achados de suas pesquisas.
Conclusão do Tema II	No Subtema I, os estudantes fizeram uma breve socialização sobre suas impressões a respeito das letras de músicas analisadas e como elas poderiam estimular certos comportamentos nocivos. No Subtema II foi realizada a dinâmica do “Momento do Abraço” e a docente fez algumas considerações finais com o auxílio da turma.
Início do Tema III – A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A LEGISLAÇÃO VIGENTE	Os estudantes responderam oralmente perguntas instigadoras para chamar atenção e dar início ao Tema III. No segundo momento, assistiram dois vídeos que introduziam o conteúdo. Os estudantes foram divididos em grupos para fazer pesquisas e confeccionar cartazes.
Debate do Tema III	Os estudantes apresentaram suas confecções e debateram os temas propostos trazendo a bagagem teórica que construíram anteriormente. Foi um momento de descobertas e concretização de conhecimentos.
Conclusão do Tema III	Os estudantes escreveram <i>feedbacks</i> anônimos e entregaram a docente com suas impressões sobre o tema finalizado.
Início do Tema IV – OS PAPEIS DE GÊNERO E OS PADRÕES ESTÉTICOS DA SOCIEDADE MODERNA	Os estudantes foram questionados sobre aparência e convidados a criar um quadro sobre papéis de gênero e a confeccionar uma imagem digital sobre o corpo que eles consideravam ideal.
Debate do Tema IV	Durante esta etapa os estudantes conversaram sobre suas percepções a respeito dos trabalhos confeccionados e pesquisaram na <i>internet</i> sobre dúvidas que surgiram durante a discussão.

Conclusão do Tema IV	Neste momento foram realizadas as considerações finais e ressaltamos a importância de tratar de temas presentes no cotidiano dos estudantes.
-----------------------------	--

Fonte: Autoria própria, 2024.

4.4 Coleta e Análise de Dados

A coleta de dados foi realizada a partir da aplicação de um questionário (**Figura 4**) para traçar um perfil dos estudantes atendidos e selecionar os conteúdos a serem abordados durante a observação participante de acordo com as necessidades elencadas.

Figura 4 – Questionário respondido por estudante de uma turma de 3ª série do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.

antes. FAVOR NÃO SE IDENTIFICAR.

Número estimado de parceiros sexuais até hoje: 3

Já teve algum comportamento sexual de risco (relação sexual com pessoas desconhecidas, sexo desprotegido ou sob efeito de álcool e/ou drogas)? Quais? sem preservativo

8. Você se sente confortável para falar sobre sexo com alguém da sua família?

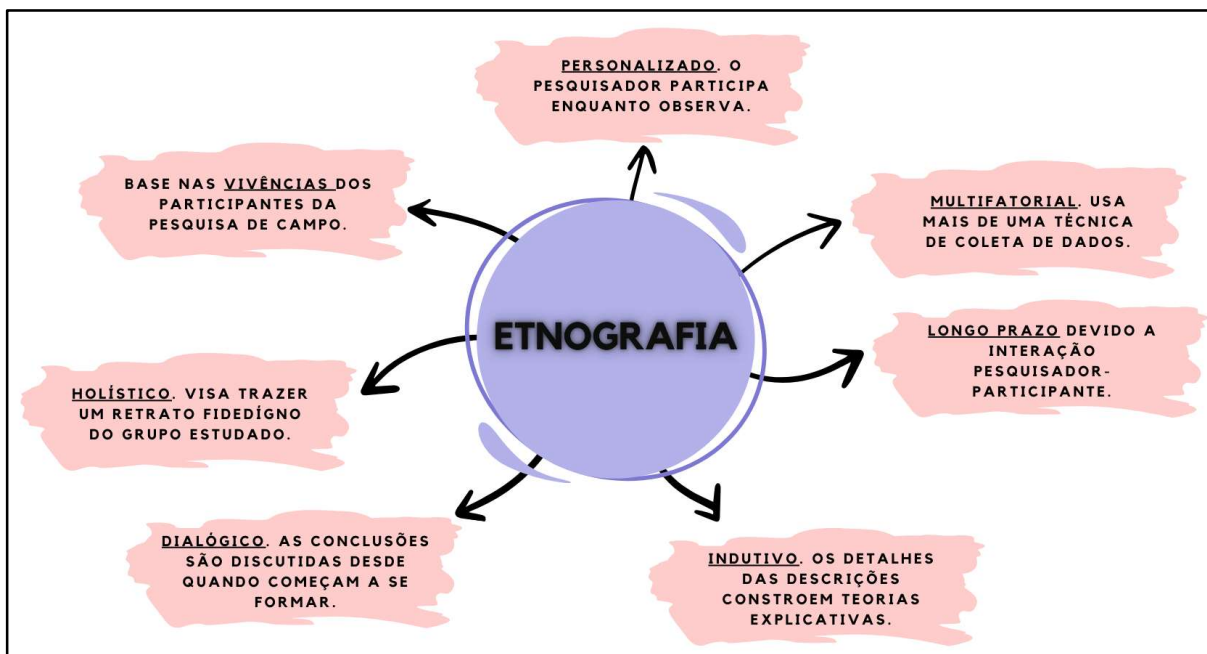
(x) sim () não () depende do assunto

Fonte: Autoria própria, 2024.

A observação participante, para Creswell (2014), embora possa trazer algumas informações que não podem ser relatadas pelo pesquisador devido ao seu nível de privacidade, traz a vantagem de o pesquisador poder registrar as informações referentes a pesquisa no exato momento em que elas estão sendo reveladas. Uma vez que a observação é maior que a participação do pesquisador, ele pode registrar as etapas da pesquisa em documentos que podem ser acessados posteriormente como registros pessoais e diários. A utilização da etnografia neste estudo justifica-se por tratar-se de um método que toma por base a observação participante e tem como prioridade o entendimento de práticas culturais e sociais de um determinado grupo. A etnografia toma por base as vivências dos participantes e mesmo exigindo bastante atenção

do pesquisador, possui características interessantes para este tipo de pesquisa (Angrosino, 2009). Abaixo (**Figura 5**) podemos ver um panorama geral das principais características da etnografia destacadas por Angrosino (2009).

Figura 5 – Características da etnografia como método de pesquisa.



Fonte: Adaptado de Angrosino, 2009.

Toda pesquisa, independentemente de sua natureza, possui algum nível de risco aos participantes, os quais podem variar entre mínimos e significativos. No caso desta investigação, os riscos previstos classificaram-se como "mínimos". Os participantes foram devidamente informados de que, caso viessem a ocorrer quaisquer inconvenientes, sejam eles de ordem psicológica ou relacionados a algum desconforto atrelado à realização das atividades propostas, a pesquisadora iria se comprometer a fornecer a devida assistência e, se necessário, encaminhá-los a um profissional qualificado para prestar o suporte adequado.

Os benefícios decorrentes desta pesquisa superam amplamente quaisquer potenciais riscos, contemplando dimensões psicológicas, intelectuais, físicas e emocionais. Em todas as etapas da pesquisa foram fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Os achados obtidos neste estudo possuem o potencial de incitar uma nova perspectiva entre educadores, incentivando reflexões críticas e mudanças significativas nas práticas educacionais convencionais, com especial atenção ao ensino de sexualidade.

É válido informar que participaram da pesquisa somente os estudantes que se dispuseram a assinar os documentos necessários (**Figura 6**), de acordo com os princípios éticos e legais em vigor como para menores o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice A) e o responsável ou estudante maior de 18 anos assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B). Os estudantes que não puderam ou não quiseram assinar o TALE e o TCLE não participaram da pesquisa.

Figura 6 – Estudante assinando TCLE em uma turma de 3ª série do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba CEP/CCS/UFPB para o cumprimento da Resolução 466/12 e da Norma Operacional 001/13, ambas do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi aprovado sob o parecer de número 6.576.877. Essa análise visa salvaguardar a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes da referida pesquisa.

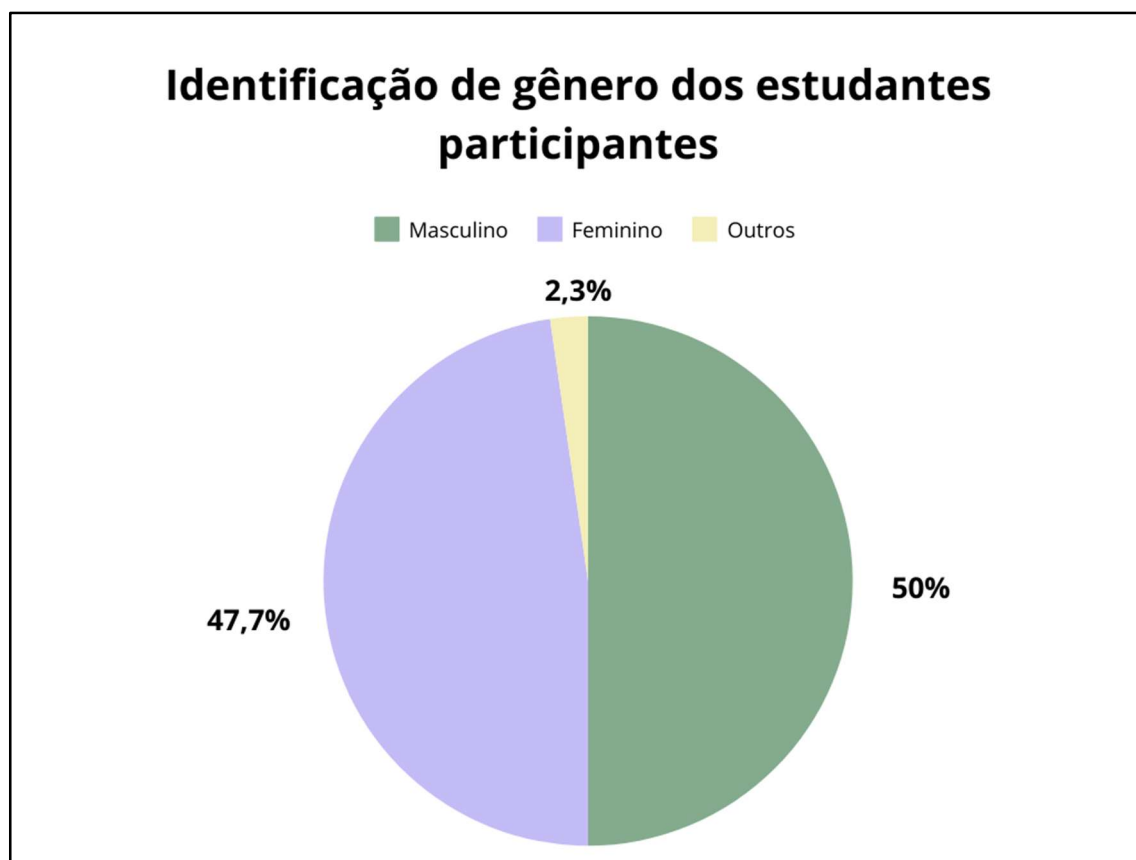
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Análise do Questionário Diagnóstico

No mês de abril de 2024, foi aplicado o questionário diagnóstico para o público alvo que assinou o TALE e TCLE. O questionário estruturado era composto por 26 questões, sendo 3 questões abertas e as demais de múltipla escolha. As perguntas foram direcionadas para caracterizar os participantes (idade, gênero, orientação sexual, etc), definir um panorama social e econômico (renda familiar, escolaridade dos pais, etc), compreender hábitos sociais relativos a vida sexual e ao consumo de pornografia (idade da primeira relação sexual, primeiro contato com pornografia, frequência de consumo de conteúdo pornográfico, etc).

Dentre os estudantes participantes 44 (50%) se identificavam com o gênero masculino, 42 (47,4%) com o gênero feminino e 2 (2,3%) se identificavam com outros gêneros não listados (**Gráfico 1**). Em um contexto escolar, a identificação de estudantes em gêneros que não se enquadram nas categorias binárias (masculino e feminino) corrobora a necessidade de existência de políticas públicas no âmbito educacional para a promoção do respeito à diversidade de gênero e ao combate das mais diversas formas de discriminações, de acordo com orientações de diretrizes nacionais e internacionais sobre educação inclusiva (Brasil, 2018; Butler, 2021).

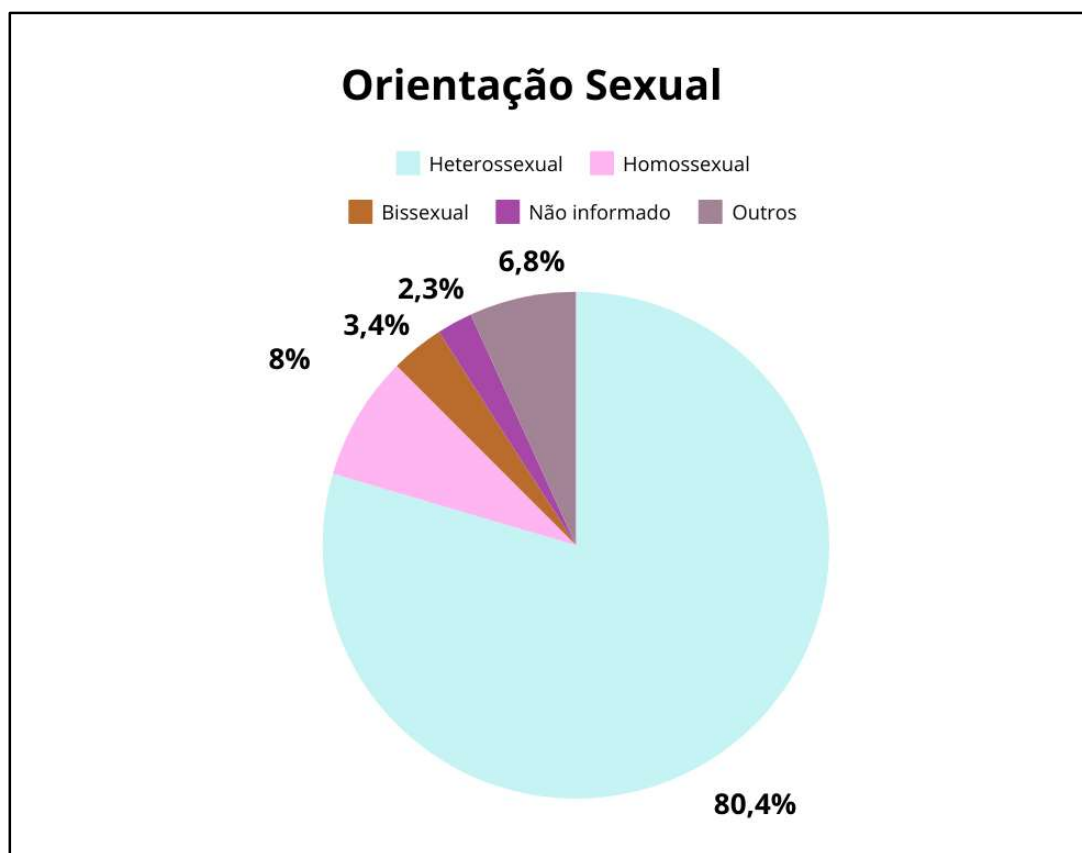
Gráfico 1 – Identificação de gênero dos estudantes participantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.



Fonte: Autoria própria, 2024.

As variáveis utilizadas para quantificar a orientação sexual dos estudantes (**Gráfico 2**) foram: heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual e outros. Neste aspecto, obtivemos um total de 70 indivíduos assumidamente heterossexuais (79,5%), 3 indivíduos bissexuais (3,4%), 7 indivíduos homossexuais (8%), 6 indivíduos (6,8%) identificaram-se como pertencentes a outra categoria não contemplada nas alternativas do questionário. Ainda neste quesito, tivemos 2 participantes (2,3%) que se abstiveram. Esses números refletem a diversidade sexual existente entre adolescentes, além de mostrar a necessidade de transformar a escola em um espaço de formação cidadã dotada de um ambiente inclusivo e que garanta que as discussões sobre diversidade sexual sejam realizadas de forma educativa e acolhedora (Silva, 2020)

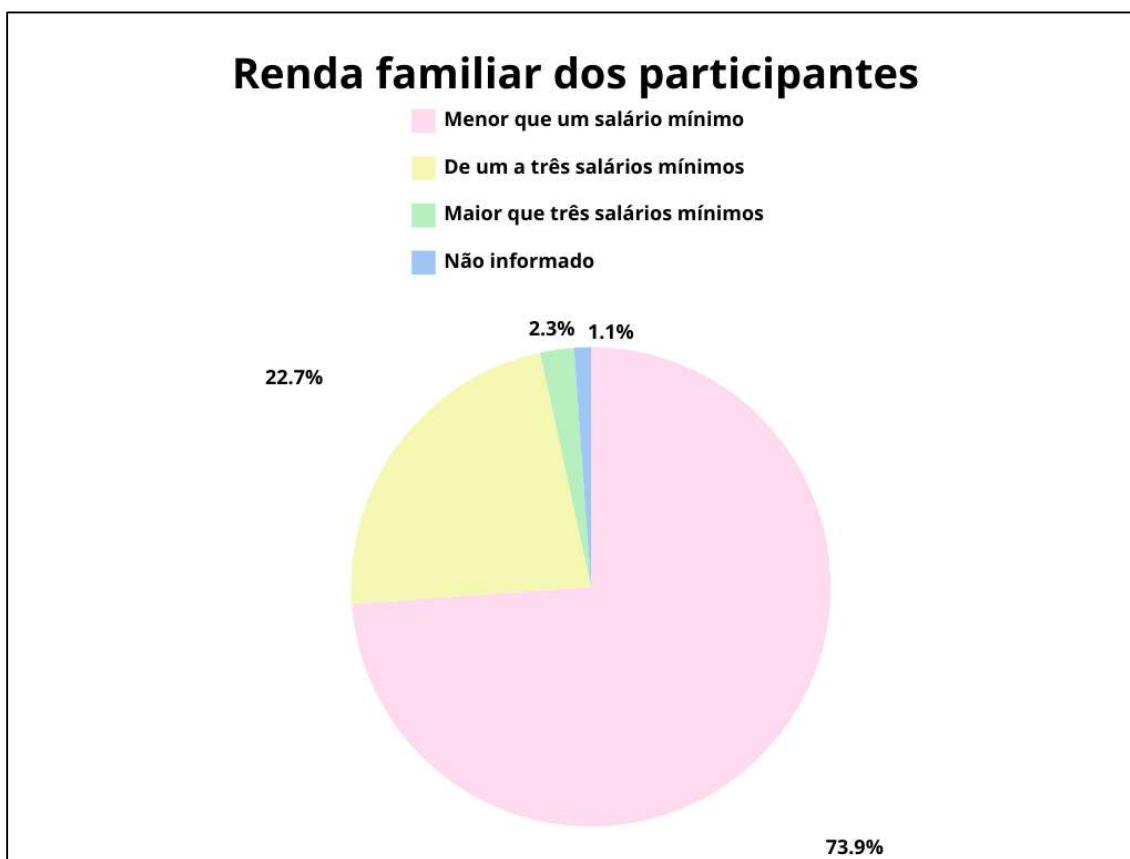
Gráfico 2 – Orientação sexual dos estudantes participantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Já em relação a renda familiar (**Gráfico 3**), 65 estudantes relataram uma renda inferior a um salário mínimo (73,9%), 20 estudantes afirmaram uma renda de um a três salários mínimos (22,7%), 2 estudantes possuem renda familiar superior a três salários mínimos (2,3%) e 1 participante se absteve da questão (1,1%). Esses dados demonstram um panorama socioeconômico marcado pela vulnerabilidade, podendo impactar acesso aos dispositivos educacionais, a permanência na escola e o desempenho escolar destes estudantes. Estudantes provenientes de famílias de baixa renda com frequência encontram barreiras como a falta de acesso a materiais didáticos adequados, dificuldade de transporte e deficiências no suporte familiar para os estudos (Ferreira *et al.*, 2024). Com isso, reforçamos a necessidade de políticas educacionais inclusivas e equitativas que promovam o respeito a diversidade social nas escolas.

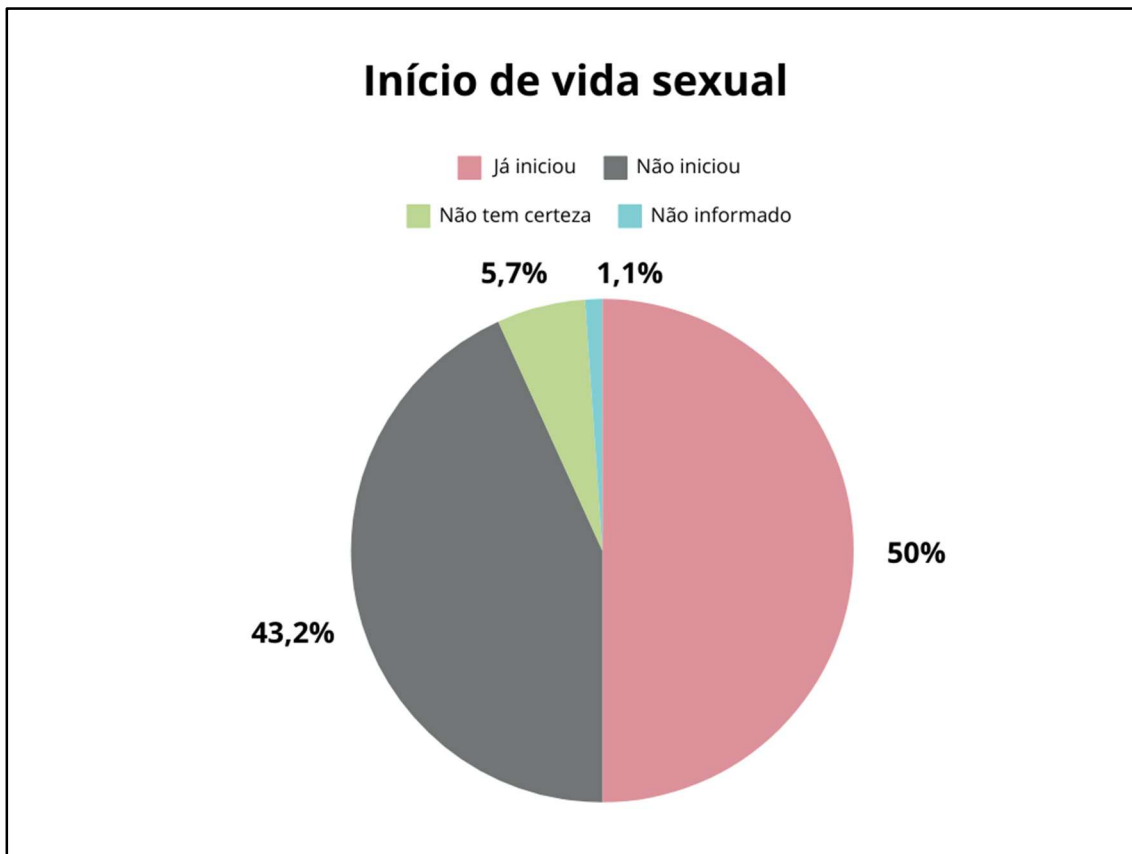
Gráfico 3 – Renda familiar dos estudantes participantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2024.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Quando questionados se já haviam iniciado a vida sexual, metade dos estudantes (44) responderam já terem iniciado sua vida sexual, enquanto 43% (38 estudantes) ainda não iniciaram, 5,7% (5 estudantes) não tem certeza se de fato a iniciaram e um único participante (1,1%) preferiu se abster (**Gráfico 4**). Mesmo sendo um valor aparentemente inexpressivo, o fato de 5,7% dos estudantes alegarem não ter certeza se já haviam iniciado a vida sexual levanta um alerta para a noção que eles tem de vida sexual, se fosse um conceito esclarecido essa dúvida seria inexistente. Esta incerteza manifestada pelos estudantes poderia estar conectada a uma compreensão fragmentada ou distorcida do que compõe a vida sexual de um indivíduo, refletindo a ausência de discussões abertas e bem estruturadas sobre sexualidade nas escolas (Brasil, 2018). Em concordância com isso, Malavé-Malavé (2022) indicam que a ausência de formação qualificada sobre sexualidade pode conduzir a percepções equivocadas, gerando aumento da vulnerabilidade dos adolescentes a riscos como IST, gestações precoces e não planejadas e permanência em relacionamentos abusivos.

Gráfico 4 – Início da vida sexual de estudantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Ao serem questionados se em algum momento já sentiram algum tipo de desconforto com o próprio corpo (**Gráfico 5**), 72 estudantes (81,8%) responderam que já se sentiram desconfortáveis com seus corpos, enquanto 16 (18,2%) alegaram nunca terem sentido tal desconforto. Esse dado é preocupante pois trata-se de indivíduos jovens, adolescentes em sua maioria. Cash e Smolak (2011) e Stice (2002) chamam atenção para a relação entre imagem corporal negativa e a propensão em desenvolver distúrbios alimentares como bulimia e anorexia nervosa por adolescentes, podendo desencadear até mesmo práticas de risco como o uso de substâncias para perda de peso.

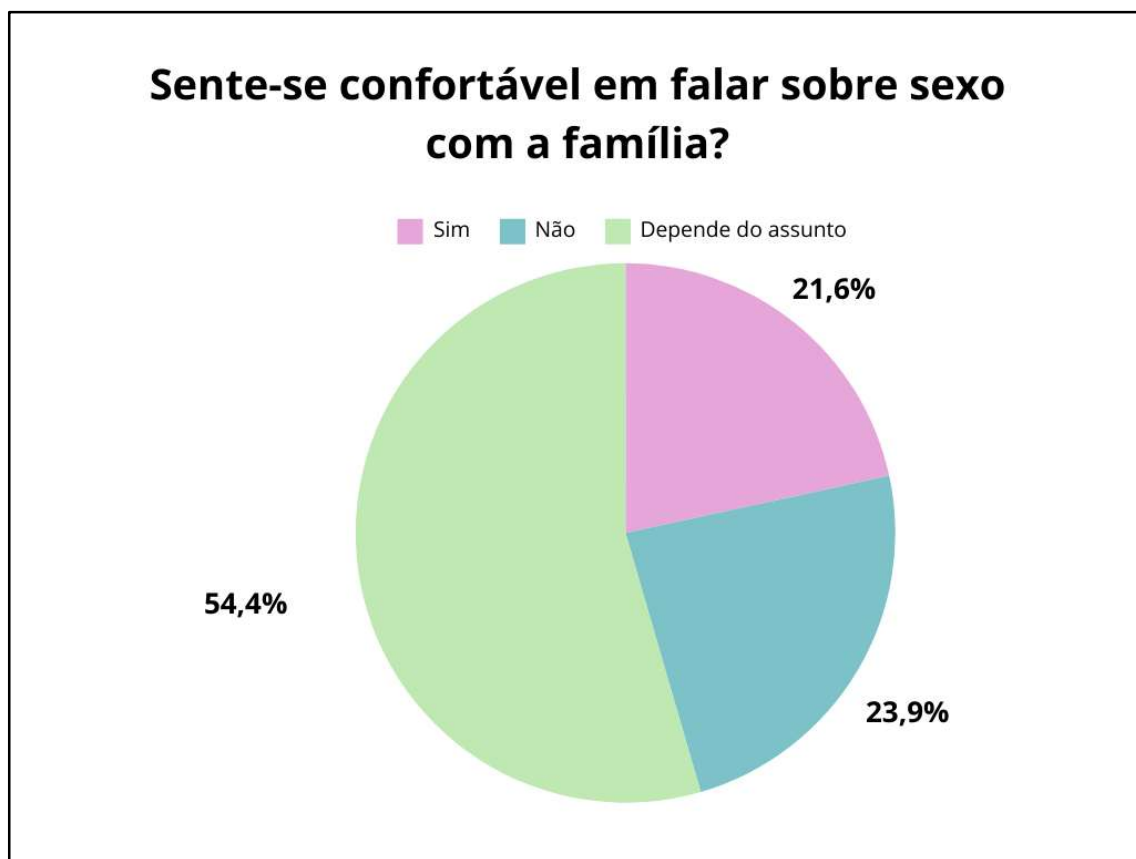
Gráfico 5 – Desconforto com o próprio corpo de estudantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Quando questionados em relação a se sentirem confortáveis em falar sobre sexo com a sua família (**Gráfico 6**), somente 21 indivíduos (21,6%) afirmaram que sim. Os que relataram não se sentir confortáveis em falar sobre este assunto representam 21,6% (21 indivíduos) do total. O valor mais relevante, 48 participantes (54,4%), foi o de pessoas que só se sentem confortáveis em falar alguns assuntos relacionados ao sexo, optando pela alternativa “depende do assunto”. Para Vieira *et al.* (2021), algumas barreiras culturais, morais e religiosas, além do despreparo dos pais dificulta a abordagem do tema no ambiente familiar, enquanto isso, Borges *et al.* (2016) lembra que diálogos abertos sobre sexo se associam a uma maior responsabilidade sexual e a ausência de diálogo relaciona-se a um início de vida sexual precoce e práticas sexuais de risco como sexo desprotegido.

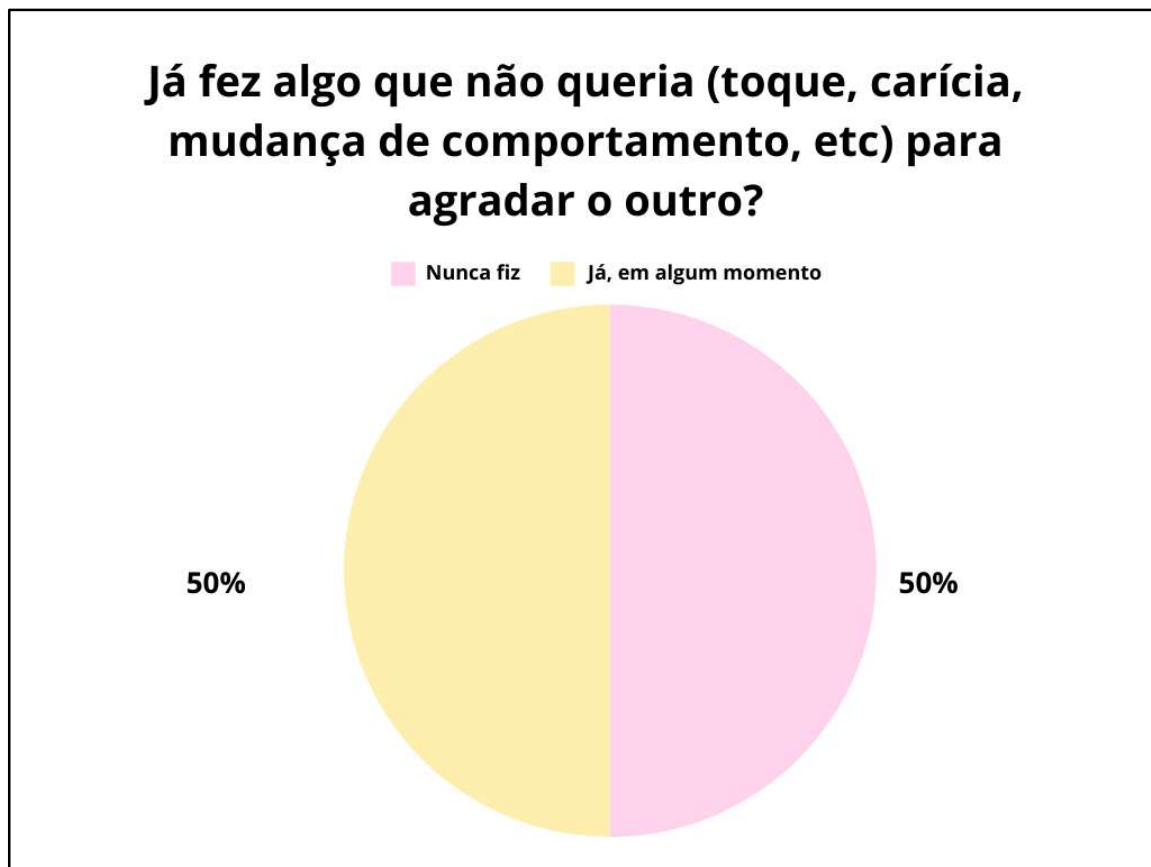
Gráfico 6 – Sensação de conforto ao falar sobre sexo com a família de estudantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Como parte das questões utilizadas para analisar a dinâmica dos relacionamentos afetivos desta população, os participantes foram questionados se em algum momento eles já fizeram ou se fazem algo que não querem para agradar a um/a parceiro/a, incluindo aí toque, carícia, mudança de comportamento, se afastar de amigos, trocar de roupa, etc. 44 participantes (50%) relataram que em algum momento tiveram estas atitudes em suas relações, enquanto os outros 44 participantes relataram que nunca fizeram nada que não fosse de sua vontade (50%) (**Gráfico 7**). Sobre este comportamento, Oliveira (2018) alega que a necessidade de pertencimento e o desejo de agradar pode levar adolescentes a comportamentos de submissão nas suas relações afetivas, frequentemente em detrimento de sua autonomia e bem-estar. Os papéis de gêneros perpetrados na sociedade que colocam a mulher em uma posição de submissão e a necessidade de validação masculina podem ser agravantes nessa tendência de agradar o parceiro quando se fala de uma população feminina heterossexual (Silva *et al.*, 2021).

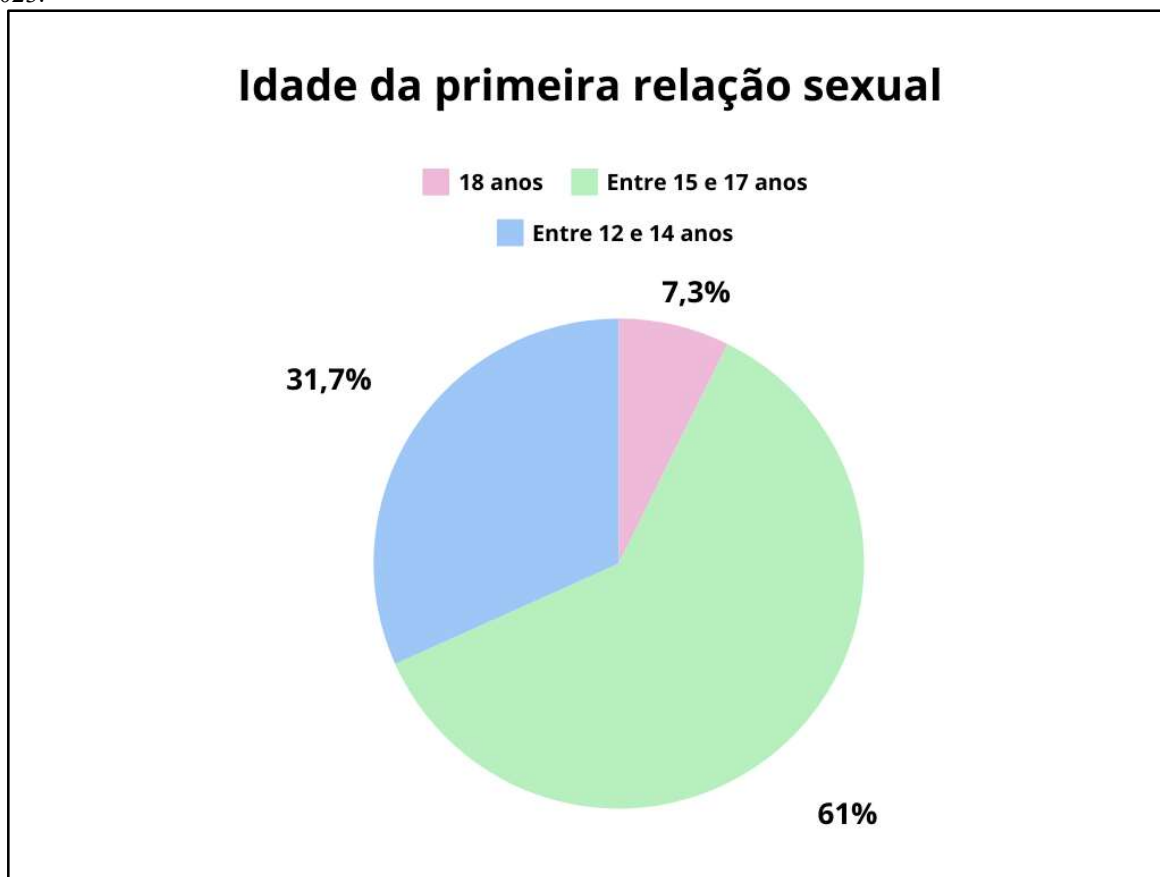
Gráfico 7 – Fazer coisas contra vontade para agradar um/a parceiro/a (toque, carícia, mudança de comportamento, se afastar de amigos, trocar uma roupa, etc.) de estudantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Na questão que tratava sobre a idade da primeira relação sexual (**Gráfico 8**), 46 estudantes (52,9%) marcaram a opção ‘Não informado ou não se aplica’ que era reservada aos que nunca tiveram uma relação sexual ou não tinham certeza da idade em que ocorreu. Se contabilizarmos somente os dados dos estudantes que informaram uma idade temos: 25 estudantes entre 15 e 17 anos (61%), 13 estudantes entre 12 e 14 anos (31,7%) e somente 3 estudantes (7,3%) iniciaram a vida sexual com idade igual ou superior aos 18 anos. A respeito desses dados, é válido trazer que Pinto (2020) afirma que adolescentes que iniciam a vida sexual em idades inferiores 15 anos têm maior probabilidade de não utilizar preservativos de forma consistente, elevando os riscos de ISTs e gravidez indesejada. Isso é corroborado por Vieira (2020) que alega que muitos adolescentes relatam não utilizar preservativos na primeira relação sexual, aumentando os riscos de ISTs e gravidez precoce.

Gráfico 8 – Idade da primeira relação sexual de estudantes da pesquisa na 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Ao analisar a idade em que houve o primeiro contato com conteúdos pornográficos (**Gráfico 9**), 37 estudantes (42%) informaram que este contato ocorreu em idade igual ou inferior a 14 anos, 30 estudantes (34,1%) tiveram o primeiro contato entre 15 e 17 anos, 1 estudante (1,1%) teve o primeiro contato com idade igual ou superior a 18 anos e 20 estudantes (22,7%) se abstiveram ou marcaram a opção não se aplica. Souza (2020) associa essa busca precoce por pornografia a uma abordagem ausente ou inadequada sobre sexualidade no ambiente familiar e escolar. Martins (2021) ressalta a possibilidade de a pornografia desencadear expectativas irreais sobre o corpo, os relacionamentos e o comportamento sexual, influenciando a forma como os adolescentes percebem e vivenciam a sexualidade.

Gráfico 9 – Idade do primeiro contato com a pornografia por estudantes da 3ª série (n=88) do Novo Ensino Médio Potiguar da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz, Estado do Rio Grande do Norte, em 2023.



Fonte: Autoria própria, 2024.

5.2 Percepção dos estudantes a partir das atividades realizadas durante os quatro temas trabalhados

Para a aplicação deste estudo foi elaborada uma disciplina eletiva intitulada “A sexualidade na era digital”, optou-se por elaborar as atividades em uma disciplina eletiva ao invés de utilizar as aulas de biologia devido ao número de aulas da disciplina ser de somente uma por semana. A análise do que foi percebido pelos estudantes durante as atividades realizadas foi um ponto importante para o espectro educacional.

Observar e compreender os pontos fortes e as dificuldades encontradas no decorrer deste projeto nos permite fazer os ajustes adequados para auxiliar os docentes que futuramente se proponham a utilizar este modelo como base. A observação dos estudantes revela detalhes sobre seu engajamento, autonomia, protagonismo, motivação e aceitabilidade do projeto por eles, além de demonstrar as habilidades sociais e emocionais exercitadas. As percepções citadas

foram registradas em diário de bordo, registros fotográficos, resgistro em rede social, reflexões e observação contínua.

5.2.1 TEMA I – Violências sexual e de gênero: o *revenge porn* como forma de violência na era digital

Foi apresentada a seguinte situação-problema fictícia: “uma adolescente enviava fotos íntimas a um parceiro afetivo enquanto se relacionavam e após um desentendimento que culminou no término da relação este indivíduo em um momento de raiva resolveu mostrar as fotos aos seus melhores amigos. A menina ao saber o questionou e ele a ameaçou de mostrar a outras pessoas”. Em seguida, os estudantes receberam os alguns questionamentos sobre “o que eles achavam da situação”, “essa situação acontece de verdade ou é só ficção”, “você acham que alguém agiu de forma violenta?”, “quais violências vocês conseguem observar?” “algum crime foi cometido? Qual?”. Algumas opiniões divergentes surgiram neste momento.

Os estudantes receberam cópias do artigo “**Violência Sexual**” retirado do site da Subsecretaria de Políticas Públicas para Mulheres e Promoção da Igualdade Racial do Estado do Mato Grosso do Sul (**Anexo 2**) disponível no endereço <https://www.naosecale.ms.gov.br/violencia-sexual/> e posteriormente assistiram ao vídeo “**Caiu na Rede: Pornografia de Vingança**” do canal VICE Brasil na plataforma Youtube, disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=BdhRm9QPd0M> (**Anexo 3**), e ao vídeo “**Papo Saúde – Violência de Gênero**” do canal Telessaúde UFSC na plataforma Youtube, disponível no endereço https://www.youtube.com/watch?v=_TljnIZMVZE&t=1s (**Anexo 4**).

Em seguida, os estudantes divididos em três grupos (A, B e C) foram instruídos a investigar mais sobre a temática (**Figura 7**) e as dúvidas que surgiram até então, para embasar suas falas durante a roda de conversa da etapa seguinte. Neste momento, o grupo A encontrou um material sobre a “Lei Carolina Dieckman” e discutimos um pouco sobre ela, após a leitura de trechos do Estatuto da Criança e do Adolescente. O grupo B solicitou que fizéssemos algo alusivo ao Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes já que estávamos no mês de maio; o grupo C pesquisou sobre dados da violência sexual no Brasil. Esta etapa teve duração de duas aulas de 50 minutos.

Figura 7 – Estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN fazendo pesquisas na *internet* em um processo de investigação.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Na semana seguinte, os estudantes foram reunidos em uma mesa no pátio da escola (**Figura 8**) e durante a roda de conversa para socialização dos saberes construídos na fase de investigação foi possível observar, de início, algumas discordâncias na turma. Um dos estudantes do sexo masculino falou que “se a pessoa mostrar uma foto íntima de terceiros a poucas pessoas não tem problema, o problema é sair espalhando”, tal fala foi prontamente rebatida principalmente por participantes do sexo feminino, uma delas afirmou que “isso acaba com a vida da pessoa, você fica marcada pra sempre”.

Quando os integrantes do grupo C socializaram os números da violência sexual no país, muitos estudantes se mostraram surpresos, pois não faziam ideia da quantidade de casos notificados e muitos levantaram a hipótese de haver muitas subnotificações devido ao constrangimento da vítima. Ao longo desta etapa, a mediação da docente foi essencial para apaziguar os ânimos, manter o respeito e a civilidade, além de direcionar de maneira saudável as discussões. Foi possível observar que inicialmente alguns estudantes se mostraram pouco participativos, mas logo resolveram opinar, principalmente quando surgia algum ponto que eles discordavam. Esta etapa teve duração de duas aulas de 50 minutos.

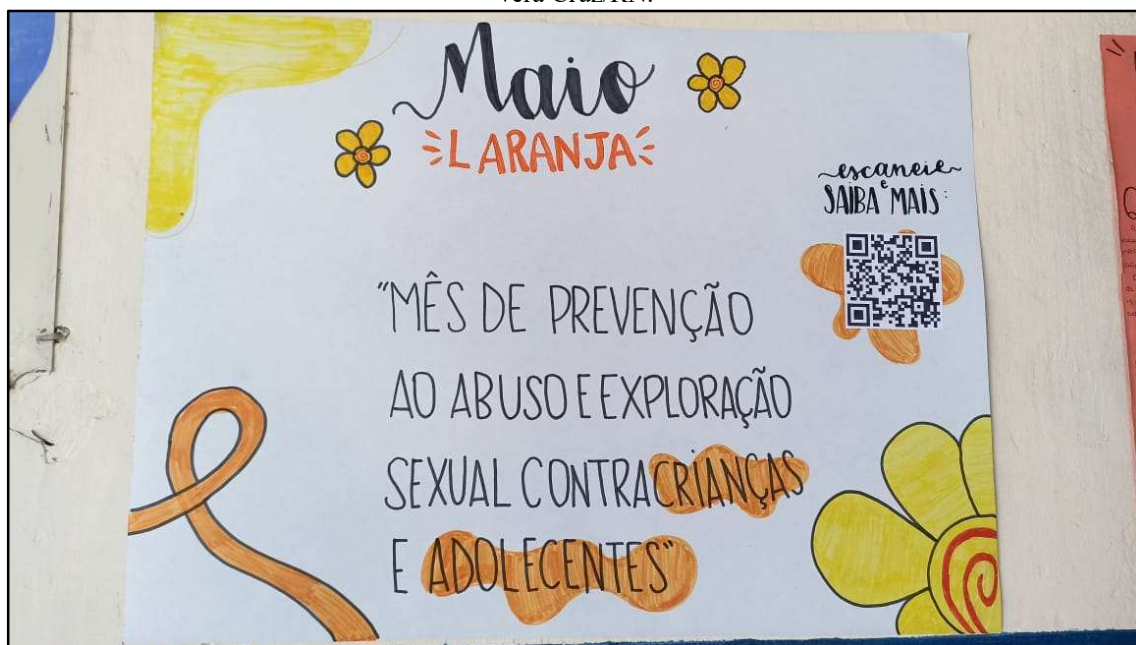
Figura 8 – Estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN realizando uma roda de conversa sob mediação da docente.



Fonte: Autoria própria, 2024.

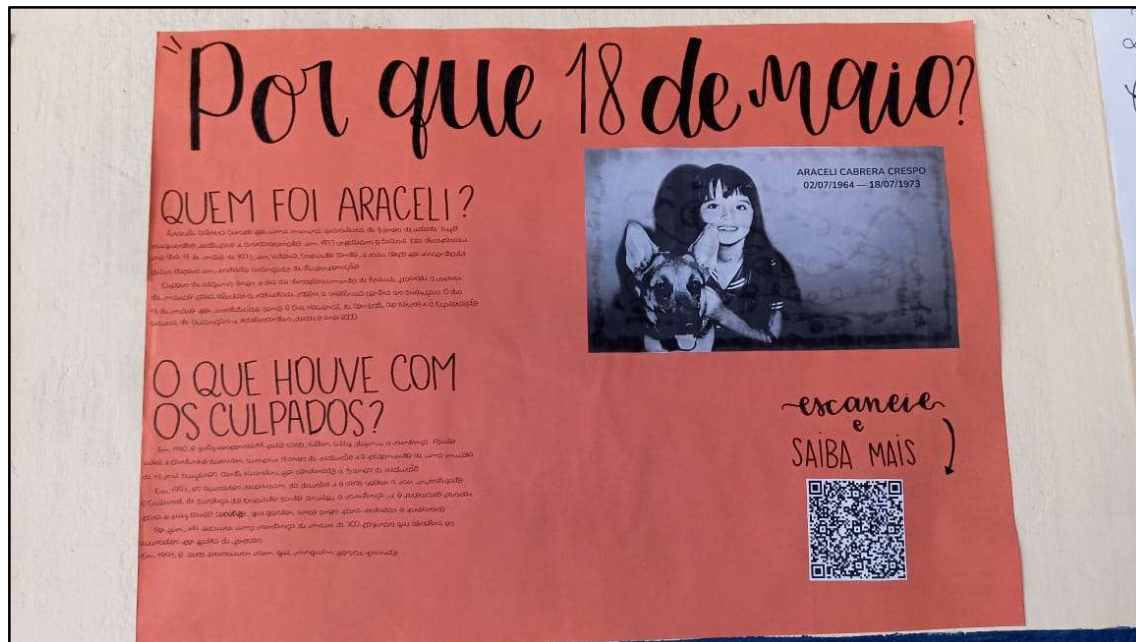
Os estudantes, então, foram instruídos a produzirem cartazes sobre algum tema que chamou a atenção do grupo durante o decorrer da atividade (**Figuras 9, 10 e 11**). Foi sugerido pelos estudantes que os cartazes produzidos por eles fossem exibidos no pátio da escola (**Figura 12**) e que, se possível, a docente falasse para as outras turmas um pouco sobre o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, mostrando o motivo da escolha desta data (18 de maio) e dando visibilidade às vítimas, o que foi prontamente atendido (**Figura 13**). Segundo os estudantes, saber de casos reais como da atriz Carolina Dieckmann, da jornalista Rose Leonel e de menores como Araceli Cabrera Crespo e Ana Lúcia Braga tornam o problema mais verdadeiro.

Figura 9 – Cartaz produzido pelo grupo A de estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



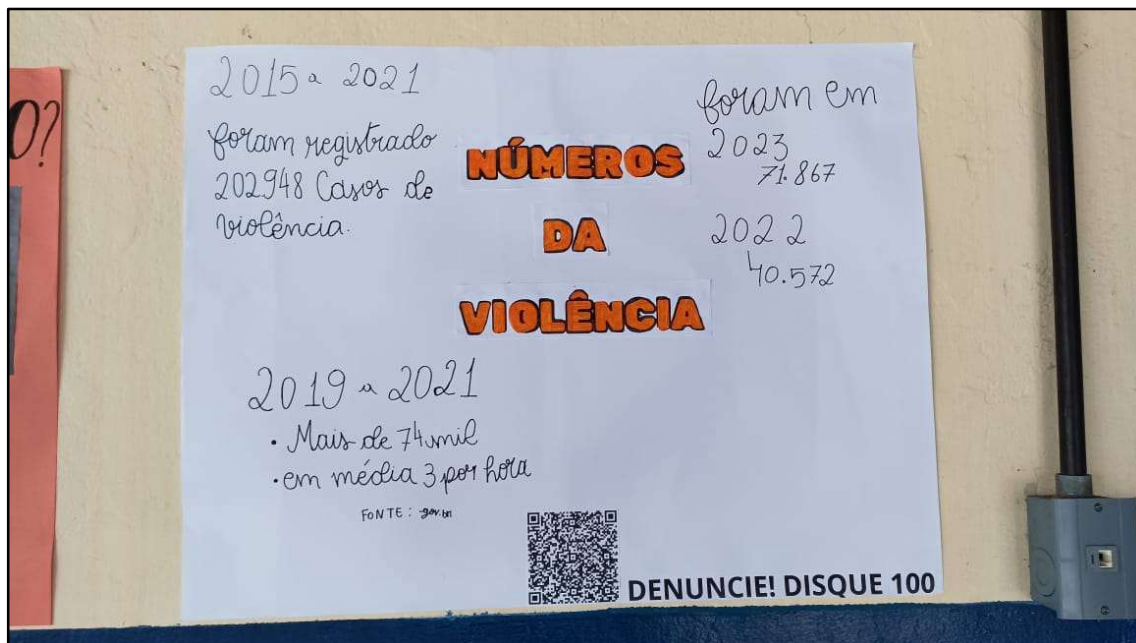
Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 10 – Cartaz produzido pelo grupo B de estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



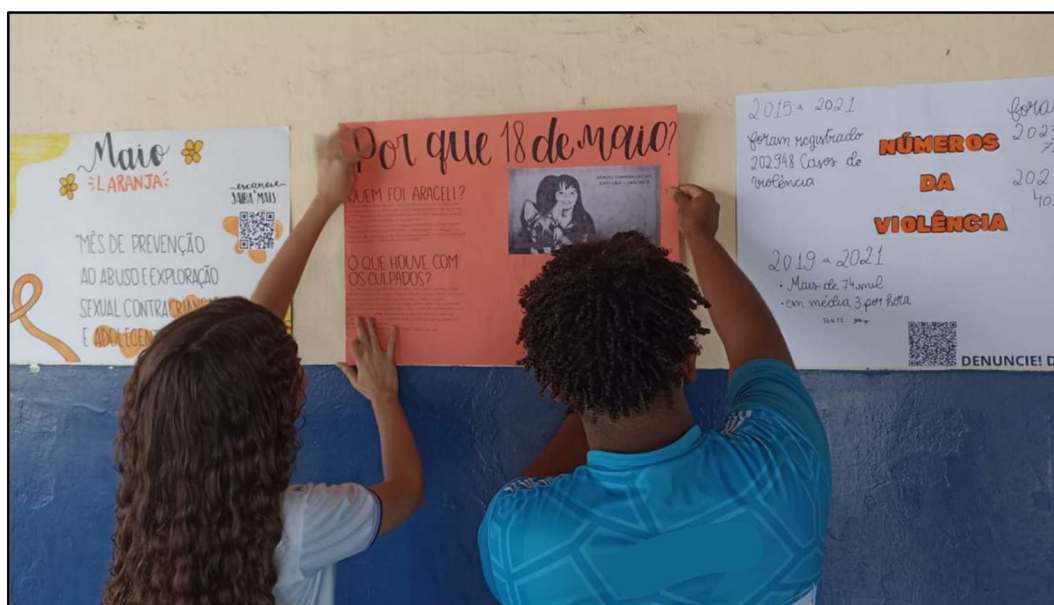
Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 11 – Cartaz produzido pelo grupo C de estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 12 – Cartazes produzidos pelos estudantes sendo afixados no pátio da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 13 – Momento em que a docente conversa com outras turmas a respeito do Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



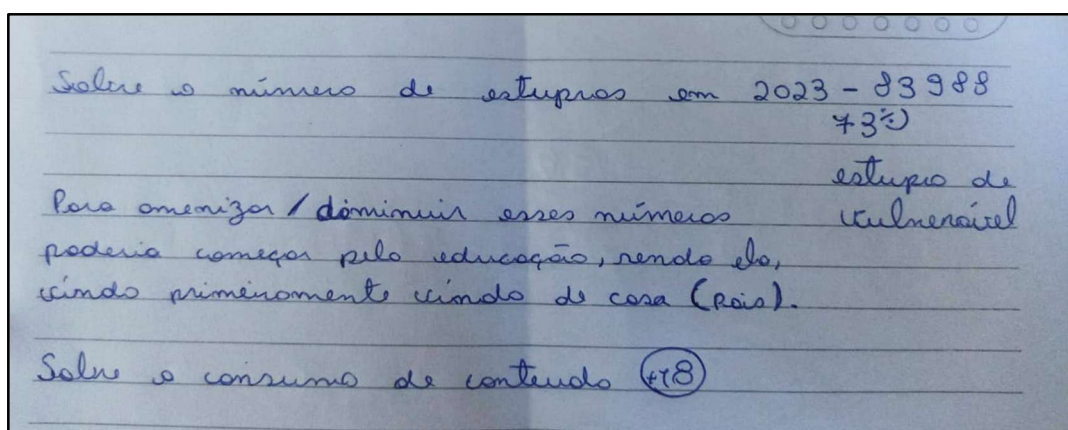
Fonte: Autoria própria, 2024.

Também foi sugerida a leitura do artigo “**O abuso sexual contra meninos existe! E também merece sua atenção**” retirado do site da Fundação *Childhood* (Anexo 5) e disponível no endereço <https://www.childhood.org.br/o-abuso-sexual-contra-meninos-existe-e-tambem-merece-sua-atencao/> para que houvesse uma maior conscientização de que o problema também atinge a vida de meninos. Um fato interessante é que alguns estudantes optaram por escrever suas impressões sobre o tema trabalhado de forma anônima e entregar após a aula, o que foi aceito pela docente. O estudante 001 escreveu: “*Sobre os números de estupro em 2023 – 83.988 – 73% estupro de vulnerável. Para amenizar/diminuir esses números poderia começar pela educação, sendo ela, vindo primeiramente vindo de casa (pais).*” (Figura 14).

As ações referentes a este Tema foram compartilhadas pela página da rede social *Instagram* (Figura 15) da 2ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC), uma das 16 divisões administrativas que coordenam a implantação da política educacional em cada território do Estado do Rio Grande do Norte. Fazem parte da 2ª DIREC as escolas da rede pública estadual dos municípios de Arês, Baía Formosa, Canguaretama, Goianinha, Monte

Alegre, Nísia Floresta, Parnamirim, São José de Mipibu, Senador Georgino Avelino, Tibau do Sul, Vera Cruz e Vila Flor.

Figura 14 – Trecho do relato do estudante 001 sobre o primeiro tema debatido no projeto na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 15 – Imagem da postagem no Instagram oficial da 2ª Diretoria Regional de Educação e Cultura referente ao projeto executado na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Instagram, 2024.

5.2.2 TEMA II – Representações da sexualidade na indústria musical e a afetividade masculina

Devido aos hábitos de consumo musical da turma observados pela docente, o Tema II foi dividido em duas etapas: Representações da Sexualidade na Indústria Musical (Subtema I) e A Afetividade Masculina (Subtema II). Para iniciar o Subtema I, a docente questionou os estudantes a respeito da música **“Hoje em Dia é Difícil Encontrar (part. MC Xangai e MC Tato)”**, composição de Gabb MC, MC Tato, MC Xangai e interpretada por Gabb MC (**Anexo 6**), que eles estavam ouvindo antes de entrar na sala de aula. Os questionamentos foram: “o que você acha dessa música?”, “a letra dela é legal?”, “já parou para ouvir o que ela fala de verdade?”.

Ao serem questionados, muitos estudantes responderam que gostavam da música pelo ritmo e por ela ter viralizado em vídeos curtos de redes sociais como *Instagram* e *TikTok* e que a achavam “normal”. Ao serem convidados a analisar a letra com um pouco mais de atenção e serem questionados se eles concordavam com as falas do artista, muitos repensaram e disseram que a letra não era legal pois sugeria que a maioria das “meninas” de hoje trabalhavam no “*job*”, termo utilizado para se referir as atividades relativas à prostituição (**Figura 16**) e isso não era verdadeiro ou agradável. Esta etapa teve duração de uma aula de 50 minutos.

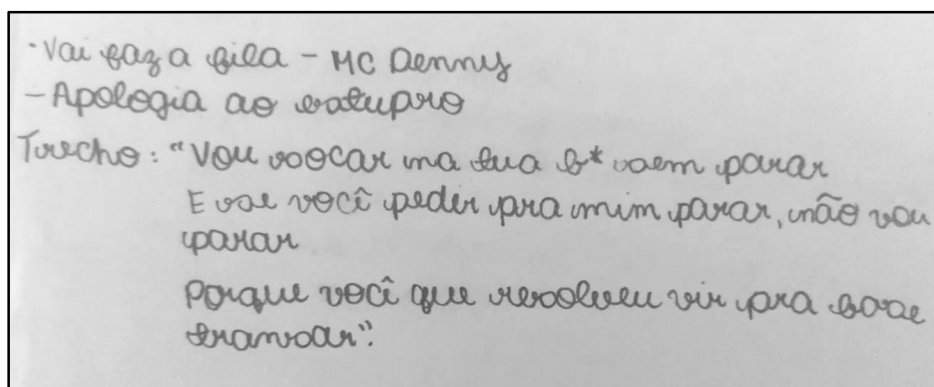
Figura 16 – Trecho da música “Hoje em Dia é Difícil Encontrar”, interpretada por Gabb MC.



Fonte: Cifra Club, 2024.

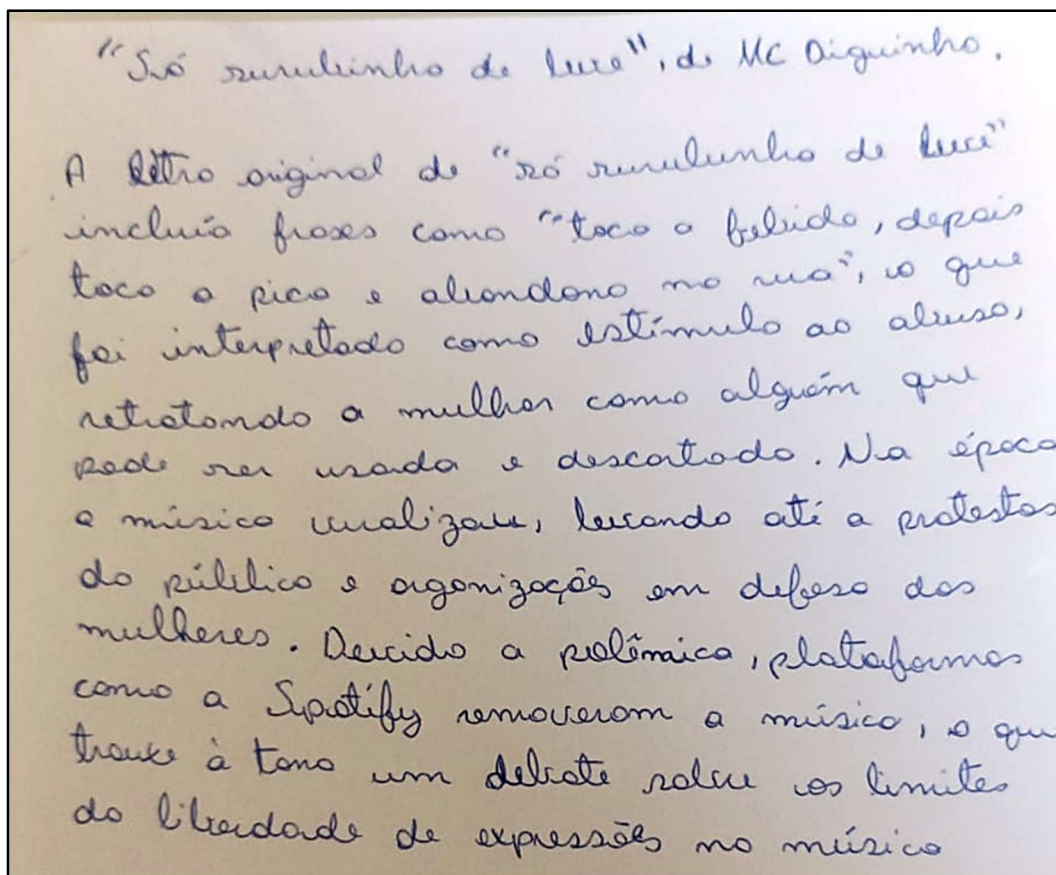
Em seguida, foi solicitado que os estudantes, individualmente, pesquisassem músicas que eles consideravam possuir letras problemáticas, transcrevessem e apontassem o problema delas. O objetivo deste Subtema foi de gerar uma reflexão sobre o conteúdo musical que consumimos às vezes de forma automática. O estudante 003 trouxe um trecho da música “**Vai, faz a fila**” (Anexo 7), interpretada por MC Denny e de composição desconhecida que traz uma clara apologia ao crime de estupro (Figura 17). O estudante 008 escreveu um relato com suas impressões sobre a letra da música “**Só surubinha de leve**” (Figura 18), composta e interpretada pelo artista MC Diguinho que traz uma mensagem de apologia ao crime de estupro de vulnerável (Anexo 8).

Figura 17 – Trecho da música “Vai, faz a fila”, interpretada pelo artista MC Denny, transcrita pelo estudante 003.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 18 – Trecho da música “Só surubinha de leve”, composta e interpretada pelo artista MC Diguinho, transcrita pelo estudante 008.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Após analisar as respostas dos estudantes, iniciou-se um pequeno debate sobre os conteúdos que consumimos e como eles falam das relações sexuais e afetivas. Somente o estudante 011 afirmou que “*não tinha nada de errado porque eram só músicas e a gente não precisa fazer tudo que dizem, só curtir mesmo*”, em contrapartida, outros estudantes afirmaram que “*músicas assim são um inventivo e uma romantização a algumas práticas criminosas*”, que “*não era divertido ‘curtir’ com a dor dos outros e só quem já foi abusado é que sabe como é ruim*” e que “*a gente tem que consumir coisas que nos representam*”. Esta etapa teve duração de uma aula de 50 minutos.

Para iniciarmos o Subtema II (A Afetividade Masculina), os estudantes responderam aos seguintes questionamentos: “você costuma abraçar os seus amigos?”, “qual a última vez que você abraçou o seu pai/outra figura masculina de seu convívio?” e “o que você acharia se o seu amigo falasse que ama você?”. Após ouvir as respostas dos estudantes, a turma assistiu ao documentário “**O Silêncio dos Homens**” do canal Papo de Homem da plataforma Youtube,

disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE> (Anexo 9). Foi solicitado que os estudantes fizessem pesquisas externas sobre os assuntos tratados no documentário. Esta etapa teve duração de duas aulas de 50 minutos.

Na semana seguinte, os estudantes foram reunidos na sala de informática para a realização de uma roda de conversa, apelidada pelos estudantes de “Papo com Chá”, sobre o tema. Durante esta etapa, houve a mediação da docente para que as discussões fluíssem de forma mais equilibrada. Os estudantes falaram sobre como o homem é visto na sociedade desde a infância e sobre a ausência de demonstrações de carinho que algumas famílias têm com meninos. O estudante 004 lembrou que o artigo **“O abuso sexual contra meninos existe! E também merece sua atenção”** (Anexo 5), sugerido por alguns estudantes no Tema I, falava sobre como o machismo acabava fazendo os homens e meninos sofrerem em silêncio em situações de violência.

O estudante 012 falou em tom de brincadeira que *“se o cara chegar na delegacia falando que apanhou da mulher é capaz de todo mundo rir”*. O estudante 003 relatou que *“já me chamaram de ‘fresco’ porque ‘mainha’ vai trabalhar e eu cuido da casa e faço comida”*. Durante a roda de conversa foi possível compreender algumas angústias em especial dos meninos e aprender um pouco mais sobre o machismo e como ele afeta também os homens ao criar uma atmosfera em que seus sentimentos precisam ser reprimidos. Esta etapa teve duração de duas aulas de 50 minutos.

Para finalizar este Subtema, estava programada uma dinâmica (Momento do Abraço) para que os estudantes tivessem mais confiança ao expor suas emoções e a confecção de cartazes sobre a temática. Devido a modificações não programadas no calendário letivo, a confecção de cartazes não pode ser realizada. Após algumas considerações finais da docente foi realizada a dinâmica do Momento do Abraço, alguns estudantes do sexo masculino demonstraram timidez e preferiram só apertar as mãos (Figura 19), outros estudantes conseguiram se abraçar de forma confortável (Figura 20) e dois estudantes preferiram só observar, mas sem demonstrar julgamento aos colegas que participaram. Ao final da aula o estudante 012 que optou por não participar do “Momento do Abraço” entregou uma folha que ele estava rabiscando durante as considerações finais (Figura 21). Esta etapa teve duração de uma aula de 50 minutos.

Figura 19 – Estudantes apertando as mãos durante a dinâmica “Momento do Abraço” na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



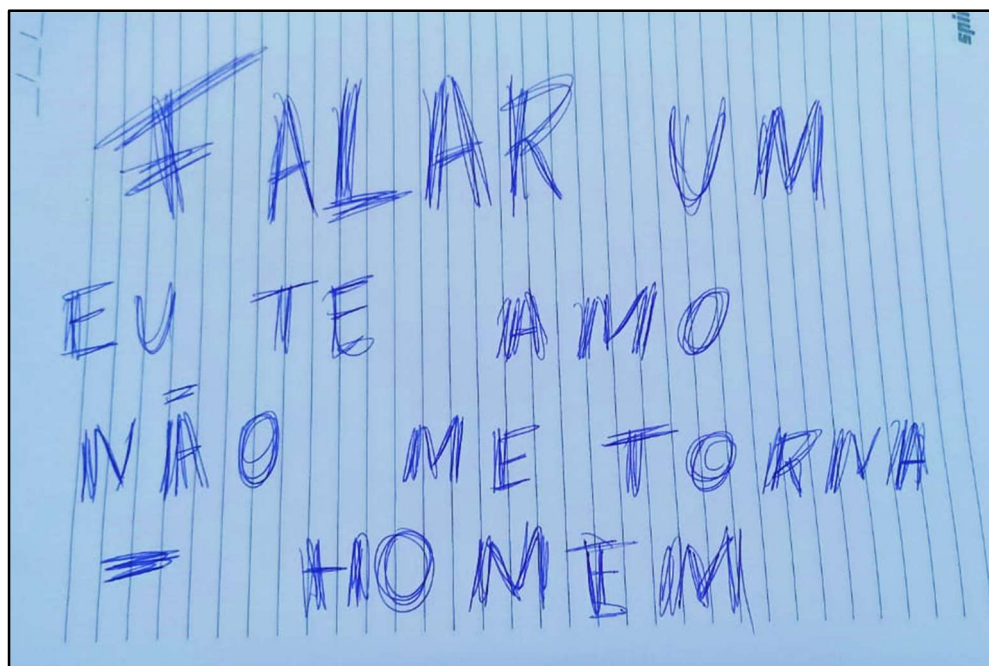
Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 20 – Estudantes se abraçando durante a dinâmica “Momento do Abraço” na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 21 – Conteúdo entregue pelo estudante 012 após o “Momento do Abraço” na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Autoria própria, 2024.

5.2.3 TEMA III – A violência contra a mulher e a legislação vigente

Quando os estudantes entraram na sala de aula encontraram a seguinte pergunta no quadro branco: “Quem foi Maria da Penha?”. Ao serem questionados verbalmente as respostas obtidas foram: “*é uma lei pra prender homem*”, “*é a lei da pensão que o cara vai preso se não pagar*”, “*é a mulher que apanhou do marido e fez o agosto lilás*” e “*é pra quando a pessoa apanha do marido*”. Após ouvir as respostas a docente questionou a turma se “É necessário mesmo ter leis específicas para mulheres?”. As repostas foram: “*não, já tem lei pra todo mundo*”, “*não, isso é discriminação contra os homens*” “*claro, todo dia tem homem matando mulher*”. Para finalizar os estudantes foram questionados sobre os sinais de uma relação tóxica, as respostas foram: “*bater, xingar, coisas do tipo*”, “*não deixar ter amizade*”, “*proibir de sair de casa*” e “*empurrar e ameaçar a pessoa*”.

Em seguida os estudantes assistiram aos vídeos “**Quem é MARIA DA PENHA? | A História da LEI MARIA DA PENHA**” do canal Memorista da plataforma *Youtube*, disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=HlDxtPEEZnM> (**Anexo 10**) e “**VÍTIMA INVISÍVEL | Eliza Samudio**” do canal Ju Cassini da plataforma *Youtube*, disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=HcLbjDQfd-Q> (**Anexo 11**). Esta

etapa teve duração de uma aula de 50 minutos. Aos estudantes, foi recomendado que se dividissem em três grupos (A, B e C) para iniciar a pesquisa investigativa (**Figura 22**). A docente indicou algumas fontes de pesquisa como sites governamentais e canais da plataforma Youtube. O grupo A ficou responsável por pesquisar sobre dados da violência doméstica no país, o grupo B pesquisou sobre a legislação nacional no combate à violência contra a mulher, já o grupo C ficou responsável por pesquisar sobre vítimas de violência doméstica de grande repercussão nacional.

Os grupos também deveriam criar cartazes sobre seus temas que auxiliassem as suas falas na roda de conversa. O grupo C alegou não possuir muita habilidade artística para confeccionar o cartaz e solicitou que eles mediassem a roda de conversa enquanto a docente somente os auxiliava quando necessário. A solicitação demonstrou autonomia e proatividade do grupo, além da capacidade de solucionar um problema sem que sua participação na atividade fosse comprometida. Esta etapa teve duração de uma aula de 50 minutos.

Figura 22 – Estudantes dando início a etapa de pesquisa investigativa utilizando recursos digitais da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Autoria própria, 2024.

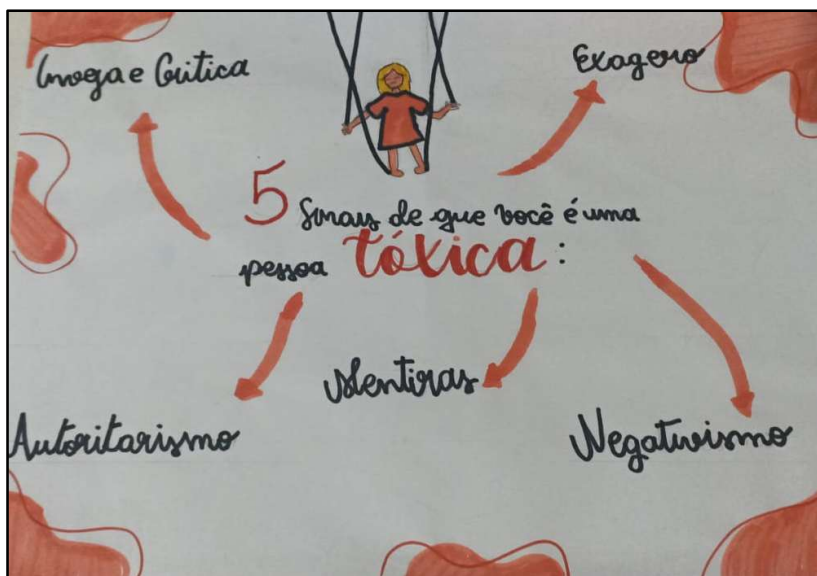
Os estudantes foram direcionados a sala de informática, onde o grupo responsável por mediar a roda de conversa já havia organizado a disposição de cadeiras e os petiscos. Após a acomodação de todos, os mediadores iniciaram a roda de conversa perguntando a opinião dos

colegas a respeito de questões pertinentes aos relacionamentos adolescente como: “o que você acha da pessoa que, dentro de um relacionamento, não deixa o/a namorado/a ter acesso ao seu celular?”, “tá tudo bem proibir que a pessoa que você se relaciona tenha amizades ou saia só para alguns lugares?”. As respostas divergiram bastante, a maioria dos estudantes considerou que dentro de um relacionamento não pode haver segredos e a pessoa tem que deixar o companheiro ver suas redes sociais privadas mesmo contra sua vontade.

Poucas foram as opiniões contrárias, mas houve réplica relacionada ao direito de ter sua privacidade preservada, uma estudante comentou que “*se você não confia na pessoa é melhor terminar do que ficar ‘pagando’ de vigia alheio*”. Sobre proibir ter determinados amigos ou sair desacompanhados a turma ficou bastante polarizada, alguns afirmaram que “*ninguém pode proibir nada porque ninguém é dono de ninguém*”, “*cada um tem que ter responsabilidade e saber respeitar, só ou acompanhado*”, “*quem quer trair vai fazer isso pegando no pé ou não*”, outros acreditavam que “*se quer vida de solteiro então fica só*”, atribuindo a sair só e ter amizades como algo reservado somente a pessoas que não estão em um relacionamento.

Outros estudantes justificaram que “*homem sair só tudo bem, mulher é que pega mal*” e foi rapidamente rebatido por parte da turma que discordou justificando o direito à igualdade de gêneros. Neste momento foi necessária a interferência da docente para acalmar os ânimos. Para finalizar essa rodada de conversa, os mediadores falaram sobre os sinais para identificar uma relação tóxica (**Figura 23**), as chamadas *redflags*, e deram dicas de como buscar ajuda em uma situação dessa.

Figura 23 – Sinais de que você é uma pessoa tóxica, criado por estudantes da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.

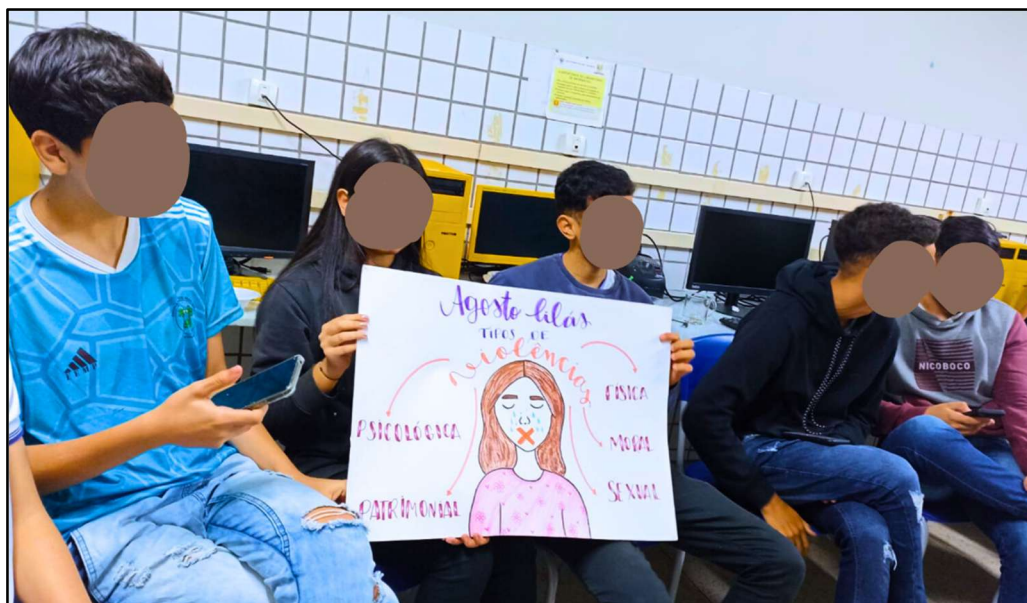


Fonte: Autoria própria, 2024.

O grupo A, fez um cartaz sobre as diferentes formas de violência (**Figura 24**) e os integrantes explicaram como elas ocorrem na prática. Neste momento, muitos estudantes quiseram falar, quase todos já haviam tido conhecimento, presenciado ou até sido vítima de alguma dessas formas de violência (Física, Moral, Patrimonial, Psicológica e Sexual). Mesmo já tendo experienciado algumas dessas violências, o que foi dito pela maioria da turma é que tinha situação desagradável que eles nem tinham ideia de que se configurava como uma violência. As falas foram “*todo mundo conhece alguém que ficou mal falada mesmo sem ter feito nada*”, “*achava que quebrar ‘as coisas’ não era violência porque não está encostando na outra pessoa*”, “*se a gente levasse mais a sério e denunciasse, eu acho que isso ia diminuir*”. Estas falas foram anotadas pela docente.

O grupo relatou que, após ter acesso ao infográfico do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024 por indicação da docente, se assustaram os números da violência contra as mulheres e compartilharam com os demais estudantes da turma que também demonstraram surpresa. Foi ressaltada a importância de ser ter uma maior disponibilidade de informações para que menos mulheres se tornem vítimas e que consigam identificar os primeiros sinais de violência e já se afastar do agressor. Foi citado também que essa pauta deveria ser recorrente nas famílias desde a infância para evitar que mais pessoas se tornem, além de vítimas, os próprios agressores.

Figura 24 – Grupo A discutindo sobre as formas de violência contra mulher com cartaz em alusão a campanha Agosto Lilás na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Autoria própria, 2024.

O grupo B confeccionou um cartaz sobre a Lei Maria da Penha e a Campanha Agosto Lilás (**Figura 25**) e iniciou sua fala trazendo uma breve explicação sobre os principais pontos das seguintes leis: Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), Lei Carolina Dieckman (Lei 12.737/2012), Lei da Importunação Sexual (Lei nº 13.718/2018) e a Lei do Feminicídio (Lei 14.994/2024). A todo momento foi ressaltada a importância de se ter uma legislação específica para a violência doméstica.

O estudante 002 relatou que “*achava que não precisava de lei só pra mulher, mas depois de ver os números eu pensei um pouco melhor e precisa mesmo*”, para o estudante 001 “*muita gente é contra essas leis sem nem saber do que se trata*”, o estudante 014 disse que “*a medida protetiva não protege a vítima de verdade, se protegesse não teria caso de descumprimento dela*”, para o estudante 009 “*essas leis tinham que garantir acompanhamento psicológico para os filhos de mulheres vítimas de violência doméstica pra tratar os traumas e evitar que eles também cometam esse crime no futuro*”. É possível observar a importância de trazer para a sala de aula dados e vítimas reais para que eles possam mensurar a gravidade dos fatos como ocorreu nessa atividade.

Figura 25 – Grupo B discutindo sobre as leis de combate à violência contra mulher com cartaz em alusão a campanha Agosto Lilás na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.

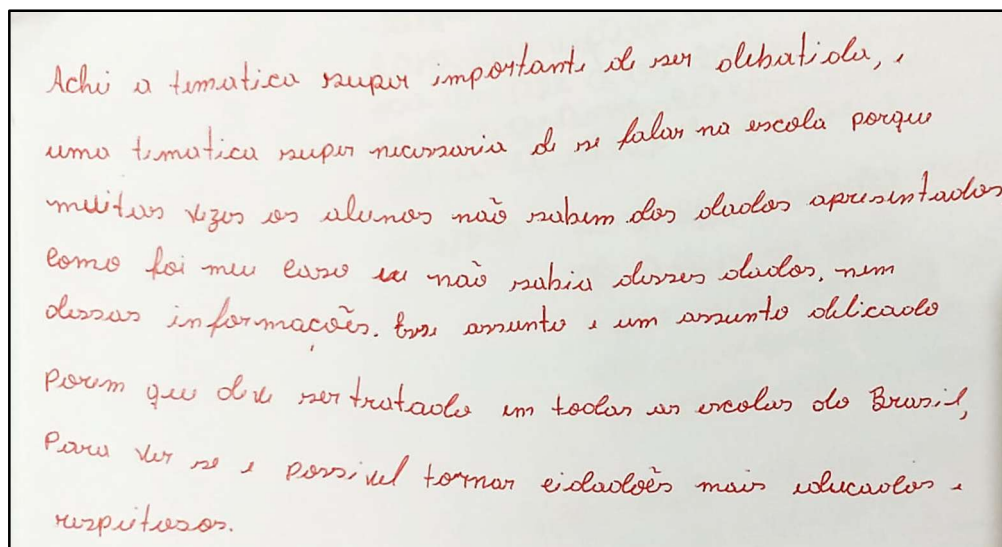


Fonte: Autoria própria, 2024.

Também foi comentada a importância de saber a história das vítimas além dos dados estatísticos pois *“dar rosto aos números torna eles mais reais”*, e *“essas mulheres tinham vida, tinham família e perderam tudo por causa da violência”*. Também foi lembrado que *“falar sobre pessoas que sofreram isso faz a gente pensar que poderia ser a gente”*, *“não é nem sobre uma escolha ruim feita pela mulher, ninguém escolhe apanhar ou ser morta”*, *“isso diz muito sobre a educação e os exemplos que a gente recebe em casa”*.

Em um dos *feedbacks* recebidos (**Figura 26**) um estudante lembrou que temas como estes são delicados de serem trabalhados, mas que precisam estar presentes nas escolas para que possamos formar cidadãos mais *“educados e respeitosos”*. Esta etapa estava prevista para ter uma duração de duas aulas de 50 minutos, mas acabou se estendendo para o horário de intervalo a pedido dos próprios estudantes.

Figura 26 – *Feedback* de um estudante sobre os conteúdos discutidos no Tema III deste trabalho na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Autoria própria, 2024.

5.2.3 TEMA IV– Os papéis de gênero e os padrões estéticos da sociedade moderna

Para introduzir a primeira parte do tema da semana foi solicitado que os estudantes individualmente construíssem um quadro com o título “Coisas de Meninos X Coisas de Meninas” e nele escrevessem atitudes que eles consideravam ser de ambos os gêneros. Houve bastante semelhança nas atribuições dadas aos gêneros entre os participantes.

Ao gênero feminino foram atribuídas por quase todos os estudantes atividades relacionadas ao cuidado pessoal e do lar, tais como “tarefas domésticas, cuidar do lar e dos filhos”, “ter que saber cozinhar”, “atividades como o ensino e cuidado”, “pressão para manter padrões de beleza” (**Figura 27**). Ao gênero masculino foram atribuídas atividades relacionadas a força, praticidade, desleixo e até violência como “funções de liderança ou alta responsabilidade”, “interesse em esportes”, “levar dinheiro para casa”, “tomar cana” e “comprar uma ‘canela seca’ (revólver calibre 38)” (**Figura 28**). Esta etapa teve duração de uma aula de 50 minutos.

Figura 27 – Quadro sobre papéis de gênero construído por estudante do sexo feminino da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.

coisas de menino	coisas de menina
· Menos engajamento mais	· Assumem maior parte das respon-
saças domésticas	sabilidades familiares.
· Menos preocupação sobre	· Preocupação para manter padrões de
a aparência física.	beleza
· Associado a profissões	· Mais viola em atividades como o
e atividades técnicas, como	ensino e cuidado.
engenharia e ciências	
exatas	

Fonte: Autoria própria, 2024.

Figura 28 – Quadro sobre papéis de gênero construído por estudante do sexo masculino da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.

Coisa de menino	Coisa de menina
Bola	Bonica
Bolinha do Gude (Bicoca)	Chapinha
Pipa	Can Rota
Sustentar a casa	Iskmalte
Cortar cabelo	Batom
Pilotar moto	maquiagem
tomar cerveja	cuidar da casa
ter um cabelo curto	

Fonte: Autoria própria, 2024.

Num segundo momento em sala de aula, foi realizada a socialização das respostas obtidas na atividade anterior e os estudantes puderam expor melhor suas concepções. Em seguida, a turma foi dividida em três grupos (A, B e C) e foi solicitado que eles investigassem mulheres que contribuíram para o avanço da ciência com o objetivo de fazê-los enxergar a figura feminina além do cuidado doméstico e parental.

Após o período de investigação, os grupos trouxeram nomes de personalidades femininas como Marie Curie (primeira mulher ganhadora do Prêmio Nobel em duas áreas diferentes, física e química, além de descobrir os elementos químicos polônio e o rádio), Rosalind Franklin (contribuiu para a compreensão da estrutura do DNA ao realizar a primeira

imagem da estrutura de dupla hélice com a técnica de raio-X) e Virginia Apgar (médica norte-americana que criou a escala Apgar utilizada até os dias atuais para avaliar o estado dos bebês recém-nascidos). Após as investigações os estudantes discutiram sobre suas descobertas e puderam ouvir a opinião dos colegas. Um estudante mostrou-se insatisfeito com a atividade e pediu para se ausentar da sala pois não concordava com “*aula de feminismo*”, solicitação que foi prontamente atendida pela docente. Esta etapa teve duração de uma aula de 50 minutos.

Para dar início a segunda parte do tema (Padrões Estéticos da Sociedade Moderna) os estudantes viram imagens de pessoas de diferentes décadas e a seguinte questão foi lançada para a turma: “o conceito de beleza sempre foi o mesmo ou ele mudou em algum momento?”. Após ouvir as opiniões iniciais, foi solicitado que os estudantes fizessem uma arte em mídia digital com o tema “O Corpo Ideal”.

Em seguida, a turma assistiu aos vídeos “**Você Seria Bonita na Idade Média? | Um Papo Sobre Padrões de Beleza**” do canal A Modista do Desterro da plataforma *Youtube*, disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=JI863NolXzw> (**Anexo 12**) e “**A Romantização da Magreza Extrema Voltou!**” do canal MAITRES SELINEA da plataforma *Youtube*, disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=94DrbF0xBGM> (**Anexo 13**). Esta etapa teve duração de duas aulas de 50 minutos.

Na semana seguinte, os estudantes enviaram as artes que criaram após a etapa anterior e estas foram expostas utilizando o projetor (**Figura 29**) para que todos pudessem analisar em conjunto e debater a respeito delas. A primeira observação foi feita pelo estudante 005 “*oxe, todo mundo igual*”. Os estudantes perceberam que quase todos os trabalhos retratavam pessoas com biotipos bastante parecidos e que eram difíceis de serem alcançados normalmente. Algumas dúvidas surgiram a respeito da medicação Ozempic que é falada em um dos vídeos com o auxílio da docente, os estudantes pesquisaram e encontraram a bula da medicação que foi analisada em conjunto. Alguns se mostraram surpresos ao ver as reações adversas que a medicação pode causar. O estudante 002 citou que “*é muito arriscado tomar isso só por estética, nem vale a pena*”.

Figura 29 – Compilado dos trabalhos sobre “O Corpo Ideal” feitos por estudantes da 3ª série da Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Autoria própria, 2024.

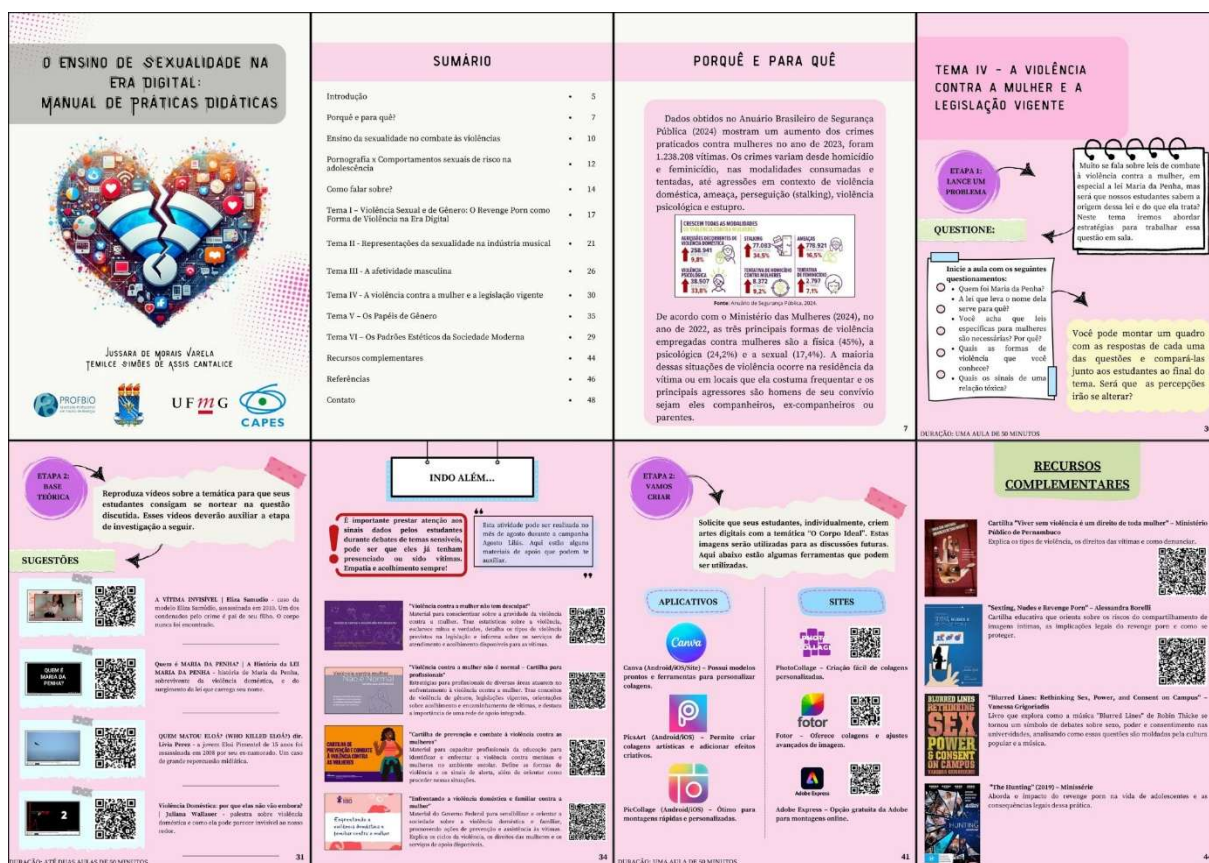
Também foi pontuado pelos estudantes que somente dois trabalhos continham a imagem de uma pessoa negra. Os estudantes foram capazes de refletir sobre o que chamamos de corpo padrão e como ele está distante da realidade deles. Um dos estudantes citou a *trend* “Magras, magras, magras” que começou na rede social *TikTok* e acabou viralizando e se tornando popular na rede social Instagram que consiste em romantização da magreza extrema protagonizada geralmente por mulheres que comemoram situações como contrair doenças, fazer uso de drogas ilícitas ou utilizar medicações para obter um emagrecimento rápido. O estudante 004 relatou que já chegou a ‘brincar’ utilizando frases da *trend*, mas que não havia prestado atenção nas problemáticas associadas a ela. Esta etapa teve duração de duas aulas de 50 minutos.

Para finalizar a temática, os estudantes foram reunidos e algumas considerações finais foram feitas a respeito do que foi discutido na última etapa e nos temas anteriores. Foi interessante ouvir de vários estudantes que eles fizeram reflexões enriquecedoras e mudaram algumas certezas pré-estabelecidas. Foi falado também da importância de falar sobre temas que realmente fazem parte do contexto diário deles e que geralmente não são discutidos no ambiente familiar e na escola. Esta etapa teve duração de uma aula de 50 minutos.

5.3 Manual didático como recurso educacional

O produto didático pedagógico resultante da aplicação deste estudo foi um manual de práticas didáticas (Figura 30) que reuniu as estratégias metodológicas utilizadas, os temas trabalhados com os estudantes participantes e alguns registros de suas respectivas produções realizadas durante as oficinas, assim como as conclusões obtidas pelo docente responsável após a realização destas atividades, sugestões de recursos audiovisuais e sites, além de dicas práticas de como realizar uma abordagem assertiva dos temas em questão. Para a produção deste manual serão utilizadas ferramentas de edição e criação de imagens como *Canva*, *Photoshop*, *Copilot*, além de bancos de imagem gratuitos.

Figura 30 – Trechos do manual didático resultante da realização deste trabalho na Escola Estadual Monsenhor Paiva, no município de Vera Cruz/RN.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Este manual deverá servir de base para que o mesmo modelo de trabalho possa ser replicado por outros docentes nas aulas de Sexualidade no Ensino Médio, propiciando o debate de uma temática que impacta não só o ensino de Sexualidade, mas a sua construção na vida dos estudantes e que costumeiramente é negligenciado, neste caso, o consumo de conteúdo pornográfico e suas implicações. As atividades descritas no manual foram elaboradas de acordo com as experiências vivenciadas em sala de aula no decorrer deste estudo, algumas delas foram aperfeiçoadas para proporcionar uma experiência mais proveitosa aos envolvidos. Com isso, buscamos alcançar um ensino de Sexualidade bem mais abrangente do que o habitual. O manual está disponível de maneira digital. Para acessar, escaneie o QR code abaixo ou acesse o link <https://drive.google.com/file/d/1QJbMwjaBa9K6MP20LSC17d9r2slWlpHr/view?usp=sharing>.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, ao abordar assuntos sensíveis e cruciais para o desenvolvimento saudável dos adolescentes, levantou questões relativas à sexualidade, à autoimagem, aos vínculos emocionais e à violência de gênero. A pesquisa realizada com estudantes da 3ª série do Novo Ensino Médio Potiguar desvendou uma gama de reflexões e atitudes que requerem especial cuidado, tanto no contexto escolar quanto familiar, para assegurar a formação de jovens críticos, bem-informados e livres de violência.

As observações feitas em sala de aula, durante a aplicação destas atividades, servirão de base para o desenvolvimento de um Manual de Práticas Didáticas que busca auxiliar docentes que pretendem abordar a temática da sexualidade em um espectro mais amplo do que o usual. Como resultante de uma pesquisa de mestrado, este trabalho apresentou êxito pois possibilitou conclusões e reflexões complexas aos estudantes sobre conteúdos que geralmente são negligenciados tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escolar, além de trabalhar competências criativas, sociais e emocionais.

Os dados obtidos sugerem que, apesar da metade dos participantes já ter iniciado sua vida sexual, alguns estudantes expressaram dúvidas sobre o significado de "início da vida sexual", isso indica a urgência de esclarecimentos acerca da sexualidade humana, evidenciando uma lacuna no entendimento dos processos sexuais em si, o que pode prejudicar decisões saudáveis no futuro. A maioria dos estudantes expressou insatisfação com seus corpos, o que destaca a pressão sociocultural sobre a percepção corporal, relacionada ao perigo de distúrbios alimentares e outras condutas de risco.

Outra informação relevante diz respeito à dificuldade de falar sobre sexualidade no ambiente familiar. A maioria dos estudantes não se sentiam confortáveis em discutir sexo no ambiente familiar enfatizando as barreiras culturais e morais, bem como a falta de preparo dos pais para lidar com tais questões de maneira franca e saudável. A falta de comunicação familiar está conectada ao início precoce da vida sexual e a comportamentos arriscados, como o sexo sem proteção.

No que diz respeito aos comportamentos emocionais, os achados indicaram que metade dos estudantes já se comportaram de forma submissa em suas relações, o que evidencia uma pressão social para satisfazer o parceiro, em detrimento de sua própria vontade. Essa dinâmica, intensificada pelas normas de gênero que reforçam o conceito de submissão feminina, destaca a importância de fomentar a autonomia e o respeito nas relações.

O estudo também abordou tópicos como a violência sexual e o consumo de conteúdo musical, que têm um papel crucial na moldagem das percepções dos jovens acerca da sexualidade e da violência. A discussão sobre a divulgação de imagens íntimas e os dados da violência sexual no Brasil surpreendeu os estudantes, provocando reflexões sobre a subnotificação e a falta de sensibilização para a seriedade dessas ações. A atitude de alguns estudantes, que a princípio minimizaram a propagação de imagens íntimas, foi prontamente contestada pelos colegas, mostrando uma significativa sensibilização acerca dos prejuízos psicológicos provocados pela violência sexual. Essa troca de pensamentos foi crucial para estimular a empatia e a compreensão entre os jovens.

A avaliação das músicas ouvidas pelos estudantes evidenciou o impacto do conteúdo cultural nas atitudes e percepções acerca da sexualidade e das relações emocionais. Num primeiro momento, os estudantes perceberam as músicas que incentivam o crime de como "normais" e mudaram de opinião quando questionados sobre o verdadeiro sentido das letras, reconhecendo o efeito negativo da romantização de atitudes violentas. Esta consideração acerca do consumo involuntário de músicas e mídias que reforçam estereótipos e condutas criminosas é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Finalmente, ao tratar da afetividade masculina, o estudo mostrou que o machismo também impacta os meninos, estabelecendo uma cultura que os impede de expressar suas emoções de forma saudável. A discussão em grupo, conduzida pela docente, foi crucial para dar voz aos estudantes, possibilitando-lhes ponderar sobre os desafios de desconstruir as normas de masculinidade e entender as dores que o machismo impõe também aos homens. A atividade do "Momento do Abraço", apesar de discreta, representou um avanço significativo para que os estudantes se sentissem mais confortáveis para expressar afeto e romper barreiras emocionais, mesmo que, em algumas situações, isso tenha sido realizado com certa cautela.

Em resumo, o estudo mostrou que o contexto escolar pode ser um local crucial para a desconstrução de padrões de gênero, o incentivo à educação sexual e a reflexão acerca da violência e do respeito nas relações afetivas. As discussões conduzidas ao longo da pesquisa destacam a necessidade de uma estratégia completa, que inclua tanto a educação formal quanto o aprimoramento da comunicação familiar, com o objetivo de prevenir a violência sexual, fomentar o respeito e assegurar o empoderamento dos jovens. A mudança dessas práticas e comportamentos inicia-se com a sensibilização e a educação constante, visando a formação de indivíduos mais críticos, respeitosos e aptos a enfrentar as complexidades da sexualidade e dos relacionamentos numa sociedade caracterizada pela desigualdade de gênero.

Concluimos então que, além de educar estudantes, é preciso desenvolver estratégias e metodologias que preparem o professor para os desafios de um ensino de sexualidade mais abrangente do que se pratica atualmente, fomentando assim a construção de uma educação mais humanizada e conectada aos problemas que mesmo recorrentes em nossa sociedade são negligenciados na esfera familiar e educacional.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução de Vera Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2024. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, ano 18, 2024. ISSN 1983-7364.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOCCOLINI, M. S.; MARTINS, E. R. O impacto da pornografia na formação da sexualidade dos jovens: um estudo sobre as redes sociais digitais. **Revista Brasileira de Educação Sexual**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 45-60, 2019.

BORGES, A. L. V.; SANTOS, O. A.; NICHATA, L. Y. I. O papel da comunicação entre pais e filhos na saúde sexual dos adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 1, p. 111-118, 2016.

BRAGA, C. S. **Pornografia e sociedade: a era digital e os novos desafios**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

BRANDÃO, Z. A dialética macro/micro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 20 out. 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019: Síntese de Indicadores**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=28203&t=resultados>. Acesso em: 16 ago. 2023.

BRASIL, IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE - Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/vera-cruz/panorama>. Acesso em: 08 jun. 2023.

BRASIL, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021. Rio de Janeiro, 13 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf. Acesso em: 07 jun. 2023.

BURÉGIO, Fátima. **Pornografia de Vingança**. Você sabe o que é isso. Disponível em: <<https://ftimaburegio.jusbrasil.com.br/artigos/178802845/pornografia-da-vinganca-voce-sabe-o-que-e-isto>> Acesso em: 13 abr. de 2024.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2021.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula.**, São Paulo: Cengage Learning 2013.

CASH, T. F.; SMOLAK, L. **Body image: A handbook of theory, research, and clinical practice**. New York: The Guilford Press, 2011.

COLES, Jan; DARTNALL, Elizabeth; ASTBURY, Jill. "Preventing the pain" when working with family and sexual violence in primary care. **International Journal of Family Medicine**. 2013;2013:198578. doi: 10.1155/2013/198578. Epub 2013 Feb 26. PMID: 23533754; PMCID: PMC3600345.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 3. ed. Berkeley: University of California Press, 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

DESIDÉRIO, R. A. A exclusão da temática sexualidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental na BNCC e seus reflexos para o ensino de ciências. Horizontes – **Revista de Educação**, Dourados, v. 8, nº 15, p. 98-112, jan./jun. 2020.

DINIZ, D.; MEDEIROS, M. **Violências de Gênero no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Boitempo, 2022.

EISENSTEIN, Evelyn. Desenvolvimento da sexualidade da geração digital. **Adolescência & Saúde**. Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 61-71, abril 2013.

FERREIRA, P. V.; PLACCO, V. M. N. de S.; MIRANDA, L. H. M.; SILVA, D. A. Infraestrutura escolar e desigualdade socioeconômica: O retrato das escolas paulistas. Cordis: **Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, [S. l.], n. 33, p. e68812, 2024. DOI: 10.23925/2176-4174.v3.2024e68812. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/68812>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: EDUEL, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, v. 7, n. 1, p. 51-70, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. **Cadernos de Pesquisa**, n. 98, p. 50-63, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Daniella; OLIVEIRA, Ester. Uso de tecnologias digitais para relacionamentos sexuais durante a pandemia por Covid19. Programa de Iniciação Científica - PIC/UniCEUB - Relatórios de Pesquisa. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.publicacoes.uniceub.br/pic/article/view/8342>. Acesso em: 07, junho de 2023.

GATTI, B. A. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan, 2004.

HEISE, Lori, GARCIA-MORENO, Claudia. **Violence by intimate partners**. In: Krug EG *et al.*, eds. World report on violence and health, pp. 87–121. Geneva, World Health Organization, 2002.

IPQ, Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Pesquisa da FMUSP mostra hábitos sexuais no país. São Paulo, 2022. Disponível em <https://ipqhc.org.br/2022/12/23/pesquisa-dafmusp-mostra-habitos-sexuais-no-pais-saiba-mais/>. Acesso em: 07 jun. 2023.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LEÃO, Delfim; FERREIRA, José; FIALHO, Maria. **Cidadania e Paideia na Grécia antiga**. 2. ed. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2010.

LEITE JR., Jorge. A pornografia "bizarra" em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o "abuso facial". In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira & FÍGARI, Carlos Eduardo (org). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

LOPES, A. S. S. P. Consumo de Pornografia na Internet, Avaliação das Atitudes Face à Sexualidade e Crenças sobre a Violência Sexual. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e de Aconselhamento) – Departamento de Psicologia e Sociologia, Universidade Autônoma de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/286/1/TeseUAL2013.pdf>

MALAVÉ-MALAVÉ, Mayra. **Adolescentes e saúde sexual e reprodutiva**. Instituto Fernandes Figueira - IFF/Fiocruz, 7 nov. 2022. Disponível em: <https://www.iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=236:adolescentes-e-saude-sexual-e-reprodutiva&catid=8>. Acesso em: 02 mar. 2025.

MARTINS, R. A.; COSTA, M. F. O impacto do consumo de pornografia na adolescência: desafios para a saúde mental e a educação. **Revista Brasileira de Educação Sexual**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 45-58, 2021.

MINAYO, M. C. O desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

MINISTÉRIO DAS MULHERES. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher - RASEAM**. Brasília: Ministério das Mulheres, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-das-mulheres-divulga-relatorio-anual-socioeconomico-da-mulher-ra-seam-2024>. Acesso em: 20 out. 2024.

NATAL. **Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar**. Secretaria do Estado da Educação, da cultura, do esporte e do lazer. Natal, 2021.

NUNES, L. F.; WAJNMAN, S. **Educação e sexualidade: fundamentos para a formação docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, L. M.; COSTA, A. S. Relações de gênero e submissão em namoros na adolescência: desafios para a saúde mental. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 27, p. 143-153, 2018.

PORNHUB INSIGHTS. Insights 2023. Pornhub Insights, 2023. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2023>. Acesso em: 20 out. 2024.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 1-19, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/article/view/17402/11547>. Acesso em: 27 out. 2024.

SASSERON, L. H.. ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA, ENSINO POR INVESTIGAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIAS DA NATUREZA E ESCOLA. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 17, n. especial, p. 49-67, nov. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-2117201517s04>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Alfabetização científica: Uma revisão bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 14, n. 1, p. 59-80, 2009.

SILVA, D. M. Gênero e orientação sexual na Base Nacional Comum Curricular. **Anais da Educon**, São Cristóvão, v. 14, nº 5, p. 1-17, set. 2020.

SILVA, M. J.; MOURA, T. A.; VIEIRA, F. C. Submissão e violência psicológica em relacionamentos afetivos na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 2031-2040, 2021.

SOUZA, F. G.; FERREIRA, A. C. A influência da pornografia na adolescência: aspectos psicológicos e sociais. **Revista Psicologia e Saúde**, Brasília, v. 19, p. 95-112, 2020.

STICE, E. Risk and maintenance factors for eating pathology: A meta-analytic review. **Psychological Bulletin**, v. 128, n. 5, p. 825-848, 2002.

VIEIRA, F. S.; GOMES, D. O.; MOURA, M. A. A influência dos tabus culturais na comunicação sobre sexualidade em famílias brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 1075-1086, 2021.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

WEEKS, Jeffrey. **El malestar de la sexualidad: significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: Talasa, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido TALE

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA	
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE		
Eu, _____, aluno da Escola Estadual Monsenhor Paiva, portador de identidade n.º _____ e CPF. n.º _____, autorizo a minha participação na pesquisa intitulada “Ensino de sexualidade: Resignificação de saberes erráticos e padrões negativos adquiridos pelo consumo precoce de conteúdo pornográfico”. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento aqui dado a qualquer momento, sem que isto acarrete em qualquer penalidade para mim ou os meus responsáveis legais. Vera Cruz/RN, em ____ / ____ / 2024. _____ Assinatura do estudante _____ Jussara de Moraes Varela (professora-pesquisadora)		

APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA	
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE		
O (A) seu (sua) filho (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “Ensino de sexualidade: Resignificação de saberes erráticos e padrões negativos adquiridos pelo consumo precoce de conteúdo pornográfico” desenvolvida por Jussara de Moraes Varela, aluna regularmente matriculada no curso de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora Temilce Simões de Assis Cantalice. Os objetivos da pesquisa são: Estimular a construção de novos saberes no espectro da sexualidade humana; Analisar junto à turma os conceitos problemáticos adquiridos com o consumo precoce de conteúdo pornográfico; Trabalhar a aceitação do eu (corpo e sexualidade); Compreender as formas de violências sexual e de gênero e os cuidados que devemos tomar para nos proteger e ao outro dessas violências; Incentivar a construção de relações saudáveis com o próprio corpo e de seus pares; Orientar outros estudantes e profissionais docentes do Ensino Médio acerca da temática em questão a partir de um manual de práticas didáticas sobre a relação entre o consumo de pornografia e o ensino de sexualidade na era da tecnologia. A participação do (a) seu (sua) filho (a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não lhe cabendo qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores se não concordar com isso, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor. Caso decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento desistir, nenhum prejuízo lhe será atribuído, e também serão limitados à possibilidade de eventual desconforto psicológico ao responder o questionário que lhe será apresentado, enquanto que, em contrapartida, os benefícios obtidos com este trabalho serão importantíssimos e traduzidos em esclarecimentos para a população estudada. Em todas as etapas da pesquisa serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome do seu (sua) filho (a) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados. Caso a participação do (a) seu (sua) filho (a) implique em algum tipo de despesas, as mesmas serão ressarcidas pelo pesquisador responsável, o mesmo ocorrendo caso ocorra algum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.		

Eu, _____, CPF. nº: _____, Identidade n.º: _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para participação do(a) meu (minha) filho(a) _____, que cursa a série _____, na Escola Estadual Monsenhor Paiva, Vera Cruz/RN, para a publicação dos resultados, assim como o uso de sua imagem nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento, assinada por mim e pelo pesquisador responsável, como trata-se de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pelo pesquisador responsável quanto por mim.

Vera Cruz/RN, ____ de _____ de 2024.

Professor Jussara de Moraes Varela
Pesquisador responsável

Participante da Pesquisa

Assinatura do Responsável (ou estudante maior de 18 anos)

Testemunha

Assinatura da Testemunha

OBS.: Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:
Pesquisadora Responsável: Professora Jussara de Moraes Varela.

Endereço do Pesquisador Responsável: Travessa Irene Carvalho do Nascimento, nº 29 – Bairro: Centro–
Vera Cruz/RN - CEP: 59.184-000 – Fone: (84)98880-4743-E-mail: jussaramvarela@gmail.com

E-mail do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da
Paraíba: eticaccs@ccs.ufpb.br – fone: (83) 3216-7791 – Fax: (83) 3216-7791

Endereço: Cidade Universitária – Campus I – Conj. Castelo Branco – CCS/UFPB – João Pessoa-PB -
CEP 58.051-900.

APÊNDICE C: Termo de Consentimento de Uso de Imagem e Som de Voz

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA	
TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ		
Eu, _____ portador da identidade n.º _____, responsável por _____, matriculado na série _____ da Escola Estadual Monsenhor Paiva, Vera Cruz-RN, portador da cédula de identidade n.º _____, autorizo a pesquisadora Jussara de Moraes Varela o uso e gozo da imagem, nome e voz de meu (minha) filho (a) na pesquisa educativa intitulada: “Ensino de sexualidade: Ressignificação de saberes erráticos e padrões negativos adquiridos pelo consumo precoce de conteúdo pornográfico”. A presente autorização é feita pelo prazo indeterminado em caráter universal, definitivo, irrevogável e irretratável, de forma gratuita, sem ônus de qualquer espécie, valendo entre as partes, herdeiros e sucessores, salvo no que tange aos produtos resultados da pesquisa. A presente autorização não poderá, em qualquer hipótese, expor os participantes, prejudicando a honra, a imagem ou qualquer outro direito da personalidade do ESTUDANTE (A), tampouco poderá implicar na utilização da sua imagem e nome de maneira contrária aos bons costumes, à lei ou à ordem pública. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que AUTORIZO o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem do meu (minha) filho (a) ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas. Vera Cruz/RN, ____ de _____ de 2024. _____ Professora Jussara de Moraes Varela Pesquisadora responsável _____ Participante da Pesquisa _____ Responsável _____ Testemunha		

APÊNDICE D: Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE BIOLOGIA	 PROFBIO Mestrado Profissional em Ensino de Biologia
TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL		
Eu, Jussara de Moraes Varela, pesquisadora responsável pelo projeto intitulado “Ensino de sexualidade: Resignificação de saberes erráticos e padrões negativos adquiridos pelo consumo precoce de conteúdo pornográfico” asseguro que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto de pesquisa em questão, bem como em preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados, estudados e divulgados de forma anônima.		
Responsabilizo-me civil e criminalmente pela veracidade das informações declaradas acima.		
Pesquisadora responsável		
Vera Cruz/RN, ____ de _____ de 2024.		

APÊNDICE E: Questionário Diagnóstico

Questionário Diagnóstico

Eu Jussara de Moraes Varela, responsável pelo projeto de pesquisa intitulado "Ensino de Sexualidade: Ressignificação de Saberes Erráticos e Padrões Negativos Adquiridos Pelo Consumo Precoce de Conteúdo Pornográfico", declaro que os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para o projeto vinculado, os quais serão mantidos em sigilo, em conformidade com o que prevê os termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo o anonimato dos participantes.

1. Idade

☐ 15 ☐ 16 ☐ 17 ☐ 18 ☐ +18

2. Gênero

☐ feminino ☐ masculino ☐ transgênero ☐ não-binário ☐ outros

3. Orientação sexual

☐ heterossexual ☐ homossexual ☐ bissexual
☐ pansexual ☐ outros

4. Renda familiar

☐ menor ou igual a um salário mínimo ☐ de um a três salários mínimos ☐ superior a três salários mínimos

5. Grau de instrução dos pais

Mãe: ☐ analfabeta ☐ ensino fundamental incompleto ☐ ensino fundamental completo ☐ ensino médio incompleto ☐ ensino médio completo ☐ ensino superior incompleto ☐ ensino superior completo ☐ pós-graduação ☐ não se aplica

Pai: ☐ analfabeta ☐ ensino fundamental incompleto ☐ ensino fundamental completo ☐ ensino médio incompleto ☐ ensino médio completo ☐ ensino superior incompleto ☐ ensino superior completo ☐ pós-graduação ☐ não se aplica

6. Relacionamentos afetivos

☐ estou em um ☐ não estou em um mas já estive ☐ nunca estive em um ☐ não pretendo me relacionar afetivamente (Por quê?) _____

7. Vida sexual

☐ já iniciou ☐ não iniciou ☐ não tenho certeza

Idade da primeira relação sexual: _____

Número estimado de parceiros sexuais até hoje: _____

Já teve algum comportamento sexual de risco (relação sexual com pessoas desconhecidas, sexo desprotegido ou sob efeito de álcool e/ou drogas)? Quais? _____

8. Você se sente confortável para falar sobre sexo com alguém da sua família?

☐ sim ☐ não ☐ depende do assunto

9. Você se sente desconfortável com o seu corpo?

☐ nunca ☐ raramente ☐ as vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

10. Você considera a aparência um fator importante para conseguir um/a parceiro/a afetivo?

☐ muito ☐ mais ou menos ☐ um pouco ☐ nem um pouco

11. Já fez/faz algo que não queria para agradar um/a parceiro/a (toque, carícia, mudança de comportamento, se afastar de amigos, trocar uma roupa, etc)?

☐ nunca ☐ raramente ☐ as vezes ☐ frequentemente ☐ sempre

12. Quantas horas por dia você costuma passar na internet (vendo redes sociais, assistindo, pesquisando, etc)?

☐ menos de uma hora ☐ de uma a três horas ☐ de três a cinco horas ☐ mais de cinco horas

13. Quais aparelhos você utiliza para acessar a internet? (pode marcar mais de um)

☐ celular pessoal ☐ celular de terceiros ☐ computador/notebook pessoal ☐ computador/notebook de terceiros ☐ tablet pessoal ☐ tablet de terceiros ☐ outros (Quais? _____)

14. Quais conteúdos abaixo você costuma consumir na internet?

() redes sociais (Instagram, Whatsapp, TikTok, X, Telegram, Kwai, Facebook, etc)
 () serviços de streaming (Netflix, Globoplay, Disney +, Amazon Prime Video, Star+, etc)
 () jogos (Free Fire, Valorant, PUBG, League of Legends, CS:GO, etc)
 () lives (Twitch, Trovo, TikTok, Instagram, Nimo, etc) () conteúdo adulto (+18) () outros (Quais? _____)

15. Já buscou algum conteúdo pornográfico explícito (imagens, vídeos, literatura, etc)?

() nunca () raramente () as vezes () frequentemente () sempre

16. Quando foi o seu primeiro contato com este tipo de conteúdo?

() antes dos 12 anos () 12 anos () 13 anos () 14 anos () 15 anos () 16 anos
 () 17 anos () após os 17 anos () não se aplica/nunca consumiu

17. Com que frequência você consome conteúdos pornográficos?

() nunca () uma vez na semana ou menos () várias vezes na semana () diariamente
 () várias vezes ao dia

18. Quais suas principais motivações para consumir pornografia?

() curiosidade () adquirir experiência () satisfação pessoal () me livrar do tédio
 () passar o tempo () satisfazer o/a parceiro/a () aprender coisas novas
 () comparar meu desempenho ou meu corpo com o dos atores
 () comparar o desempenho e/ou o corpo do/a meu/minha parceiro/a com o dos atores
 () outros (Quais? _____)

19. Onde você costuma buscar estes conteúdos?

20. Conhece pessoalmente ou convive com alguém que já sofreu violência sexual ou de gênero?

() sim () não

21. Considera que atos violentos (tapas, xingamentos, etc) são normais no ato sexual?

() sim () não () depende (De quê? _____)

22. Já viu algum conteúdo adulto que contenha algo que você considera violento?

() sim () não () não sei identificar

23. Já buscou por conteúdo pornográfico que contenha violência?

() sim, várias vezes () sim, algumas vezes em situações específicas () somente algumas vezes pra matar a curiosidade () nunca

24. Você já consumiu conteúdos de plataformas de vendas de conteúdo de imagem/vídeo +18 (OnlyFans, Privacy, etc.)?

() nunca () raramente () as vezes () frequentemente () sempre

25. Em algum momento você já produziu mesmo que seja de uso pessoal algum conteúdo de nudez ou sensualização?

() nunca () raramente () as vezes () frequentemente () sempre

26. Você já recebeu algum tipo de recompensa financeira por disponibilizar algum conteúdo de vídeo/imagem pessoal a terceiros (via plataformas ou diretamente)? Que tipo de conteúdo?

ANEXOS

ANEXO 1: Carta de Anuência da Escola/Local da Pesquisa



ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA
ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR PAIVA
CNPJ 01.759.549/0001-27
Praça 31 de Março, VERA CRUZ / RN – Fone: 3275.0064

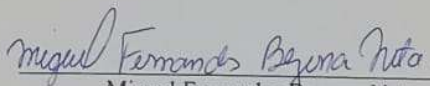
CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, **Miguel Fernandes Bezerra Neto**, diretor da **Escola Estadual Monsenhor Paiva**, autorizo a realização da pesquisa intitulada **ENSINO DE SEXUALIDADE: RESSIGNIFICAÇÃO DE SABERES ERRÁTICOS E PADRÕES NEGATIVOS ADQUIRIDOS PELO CONSUMO PRECOCE DE CONTEÚDO PORNOGRÁFICO**, coordenada pela pesquisadora professora **Jussara de Moraes Varela** neste estabelecimento de ensino. Como representante da referida Escola, estou ciente das corresponsabilidades associadas ao projeto de pesquisa no compromisso do resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa recrutados. Declaro ainda estar ciente da autonomia de cada indivíduo em aceitar ou recusar a participar da pesquisa, independente da anuência que apresento.

Esta autorização está condicionada à aprovação da pesquisa supracitada por um Comitê de Ética em Pesquisa, legalmente instituído, como forma de resguardar o cumprimento das Resoluções nºs 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde/ CNS, e suas complementares. O descumprimento desses condicionamentos asseguram-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação,
da Cultura e dos Desportos.
ESCOLA ESTADUAL MONS. PAIVA
Ensino Fundamental e Médio
Praça 31 de Março, 111, Vera Cruz RN
CNPJ: 01.759.549/0001-27

Vera Cruz - RN, 26 de Setembro de 2023.

 AUT. 032123
Miguel Fernandes Bezerra Neto
Diretor
Miguel Fernandes B. Neto
Diretor / 130490-1

ANEXO 2: Artigo SPPM/MS: “Violência Sexual”

22/11/2024, 10:40

Violência Sexual – NÃO SE CALE

Pesquisar..



Violência Sexual

“A violência sexual é a mais cruel forma de violência depois do homicídio, porque é a apropriação do corpo da mulher – isto é, alguém está se apropriando e violentando o que de mais íntimo lhe pertence. Muitas vezes, a mulher que sofre esta violência tem vergonha, medo, tem profunda dificuldade de falar, denunciar, pedir ajuda.”

Aparecida Gonçalves, ex-secretária nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, para o dossiê Violência Sexual, Agência Patrícia Galvão.

O QUE É VIOLÊNCIA SEXUAL?

A violência sexual é definida pela OMS como “todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho”.

Segundo o organismo das Nações Unidas, a coerção pode ocorrer de diversas formas e por meio de diferentes graus de força, intimidação psicológica, extorsão e ameaças. A violência sexual também pode acontecer se a pessoa não estiver em condições de dar seu consentimento, em caso de estar sob efeito do álcool e outras drogas, dormindo ou mentalmente incapacitada, entre outros casos.

A VIOLÊNCIA SEXUAL ABRANGE:

- Estupro dentro de um relacionamento;
- Estupro por pessoas desconhecidas ou até mesmo conhecidas;
- Tentativas sexuais indesejadas ou assédio sexual, que podem acontecer na escola, no local de trabalho e em outros ambientes;
- Violação sistemática e outras formas de violência, particularmente comuns em situações de conflito armado (como a fertilização forçada);
- Abuso de pessoas com incapacidades físicas ou mentais;
- Estupro e abuso sexual de crianças;
- Formas “tradicionais” de violência sexual, como casamento ou coabitação forçada.

O QUÃO COMUM É A VIOLÊNCIA SEXUAL?

<https://www.naosecale.ms.gov.br/violencia-sexual/>

1/3

Os dados mais precisos sobre violência sexual vêm de pesquisas populacionais. Outras fontes de dados são relatórios policiais e estudos de contextos clínicos e organizações não governamentais. No entanto, como apenas uma pequena proporção de casos é relatada, a taxa de ocorrência é subestimada. Um estudo latino-americano, por exemplo, estimou que apenas cerca de 5% das vítimas adultas de violência sexual denunciaram o crime à polícia.

Há muitas razões pelas quais as mulheres não denunciam a violência sexual:

- Falta de apoio;
- Vergonha;
- Medo de represálias;
- Sentimento de culpa;
- Receio de que não acreditem nela;
- Temor de ser maltratada ou socialmente marginalizada.



QUAIS SÃO AS CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL PARA A SAÚDE?

Dados indicam que sobreviventes de violência sexual podem sofrer consequências comportamentais, sociais e de saúde mental. As meninas e mulheres são as mais afetadas por lesões e doenças resultantes da violência e coerção sexuais, não só porque constituem a maioria das vítimas, mas também porque são vulneráveis aos desdobramentos dessas agressões na saúde sexual e reprodutiva.

Entre os exemplos de consequências da violência sexual para a saúde das mulheres, a OMS destaca:

- Gravidez não planejada;
- Aborto inseguro;
- Disfunção sexual;
- Infecções sexualmente transmissíveis — incluindo HIV;
- Fístula traumática;
- Depressão;
- Transtorno por estresse pós-traumático;
- Ansiedade;
- Dificuldade para dormir;
- Sintomas somáticos;
- Comportamento suicida;
- Transtorno de pânico.

Muitas vezes, a violência sexual resulta em morte, cometida pelo agressor ou pelos problemas de saúde causados pela própria agressão, como suicídio e abortos inseguros.

QUAIS SÃO OS MELHORES MÉTODOS PARA COMBATER A VIOLÊNCIA SEXUAL?

Embora, no passado, as estratégias de combate à violência sexual tenham se concentrado no sistema de justiça criminal, existe atualmente um movimento geral rumo a uma abordagem de saúde pública que reconhece múltiplos fatores de risco.

Esses agravantes interagem em níveis individual, relacional, comunitário e social. Nessa perspectiva, enfrentar a violência sexual requer a cooperação de vários setores, como saúde, educação, assistência social e justiça criminal. A saúde pública busca ampliar a atenção e a segurança a toda a população e enfatiza a prevenção, garantindo que as vítimas de violência tenham acesso a serviços e apoio adequados.

O texto acima foi reproduzido de página da internet, no site [www.nacoesunidas.org](https://nacoesunidas.org), link <https://nacoesunidas.org/oms-aborda-consequencias-da-violencia-sexual-para-saude-das-mulheres/>

[Cidadania inicia ciclo de formação sobre questões de gênero e diversidade no ambiente prisional](#)

[Conselho Estadual dos Direitos da Mulher abre as inscrições para gestão 2024-2027](#)

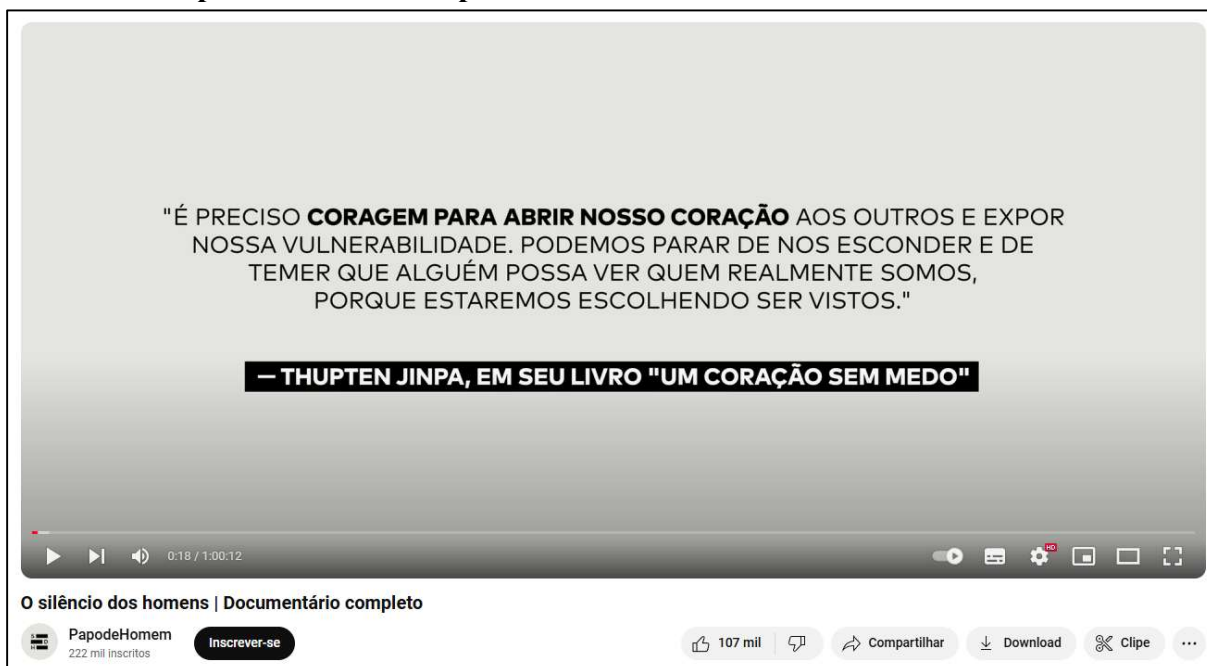
[Servidoras do CEAMCA participam de rodas de conversa formativas](#)

[Poderes lançam campanha para combater violência contra a mulher](#)

ANEXO 3: Vídeo do canal VICE Brasil: “Caiu na Rede: Pornografia de Vingança”



ANEXO 4: Papo de Homem: “Papo Saúde – Violência de Gênero”



"É PRECISO **CORAGEM PARA ABRIR NOSSO CORAÇÃO** AOS OUTROS E EXPOR NOSSA VULNERABILIDADE. PODEMOS PARAR DE NOS ESCONDER E DE TEMER QUE ALGUÉM POSSA VER QUEM REALMENTE SOMOS, PORQUE ESTAREMOS ESCOLHENDO SER VISTOS."

— THUPTEN JINPA, EM SEU LIVRO "UM CORAÇÃO SEM MEDO"

0:18 / 1:00:12

O silêncio dos homens | Documentário completo

PapodeHomem
222 mil inscritos

Inscriver-se

107 mil

Compartilhar

Download

Clipe

...

ANEXO 5: Artigo da Fundação Childhood: “O abuso sexual contra meninos existe! E também merece sua atenção”

22/11/2024, 13:14

O abuso sexual contra meninos existe! E também merece sua atenção - Childhood Brasil



O abuso sexual contra meninos existe! E também merece sua atenção

Por: Childhood Brasil

Publicado em 13/10/2021

O abuso sexual contra meninos existe! E também merece sua atenção

Tema pouco abordado e ainda repleto de tabus, o abuso sexual contra crianças e adolescentes do sexo masculino ganhou um novo relato no mundo das celebridades. Em entrevista ao programa “Provocação”, da TV Cultura, o ator Silvero Pereira, astro do filme “Bacurau”, revelou que foi vítima de abuso sexual aos 7 anos e que, inclusive, sofreu ameaças do agressor. “Teve a violência verbal, de dizer: ‘Você é mulherzinha, a cidade vai saber se você falar sobre isso, se você contar que fui eu, eu vou te espancar. Então, o que mais ficou em mim foi o medo. Eu não falei pra ninguém por muito tempo pelo medo”, contou Silvero, que nasceu em Moçamba, no interior do Ceará.

Além do ator, outros homens do meio artístico revelaram terem sido vítimas desse tipo de violência na infância, como o humorista Marcelo Adnet, o ator José de Abreu, o astro do rock AXL Rose e os atores americanos Matthew McConaughey e Terry Crews.

O caso de Silvero trouxe à tona, novamente, a importância de falar sobre a violência sexual contra meninos, tema que muitas vezes é pouco abordado, uma vez que a maioria das denúncias de violência sexual são contra crianças e adolescentes do sexo feminino.

<https://www.childhood.org.br/o-abuso-sexual-contra-meninos-existe-e-tambem-merece-sua-atencao/>

1/1

Infelizmente, tanto meninos quanto meninas são vítimas de crimes sexuais todos os dias. Só em 2020, o Disque 100 recebeu mais de 23.311 denúncias em todo o Brasil, e dados apontam que 36,97% das vítimas são do sexo masculino. Só para se ter uma ideia do aumento de notificações, em 2019, o percentual de denúncias envolvendo meninos era de 18% e, em 2018, de 17,85%.

Ainda que as notificações tenham aumentado em 2020, sabemos que os números podem ser bem maiores, pois é estimado que apenas 10% dos casos sejam realmente denunciados ou notificados às autoridades. No caso de crianças e adolescentes do sexo masculino, esse número pode ser ainda menor.

Além da violência física e emocional, os meninos e suas famílias enfrentam o machismo e estereótipos da masculinidade. Isso faz com que muitos sofram em silêncio, sentindo-se cada vez mais humilhados e, possivelmente, correndo mais riscos de desenvolver problemas desencadeados pelo trauma, como ansiedade, depressão e outros transtornos.

Como prevenir?

É importante entender que a culpa nunca é da vítima e que ela não está sozinha! A melhor forma de prevenir a violência sexual é falar sobre o assunto de forma preventiva com as crianças e adolescentes nas famílias, escolas e outros locais de convivência. O diálogo, desde muito cedo com as crianças sobre autoproteção, sexualidade, consentimento, respeito às diferenças, conceitos de público e privado, conhecimento do próprio corpo e assuntos relacionados previne que crianças e adolescentes sofram ou reproduzam violências e ajuda a aumentar o número de denúncias – o que significa mais responsabilização dos agressores, mais dados para entendermos de fato o problema e mais insumos para políticas públicas.

Além disso, é fundamental o papel da sociedade na proteção dessas vítimas. Em caso de qualquer suspeita de situação de abuso ou exploração sexual, sempre denuncie!

Ligue gratuitamente para o Disque 100, canal oficial de denúncias do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. A ligação é gratuita, anônima e pode ser feita de qualquer lugar do Brasil. Você também pode fazer a denúncia via app

'Direitos Humanos Brasil' ou pelo Whatsapp no número (61) 99656-5008.

Aqui no site da Childhood Brasil, você encontra todos os canais de denúncia. Confira:
<https://bit.ly/3d5uJau>

ANEXO 6: Trecho da música “Hoje em Dia é Difícil Encontrar”, interpretada pelo artista Gabb MC.

22/11/2024, 15:13

Hoje em Dia é Difícil Encontrar (part. MC Xangai e MC Tato) - Gabb MC (letra da música) - Cifra Club

O que você quer tocar hoje?

Seja PROListasAprenda

página inicial

funk

gabb mc

hoje em dia é difícil encontrar (part. mc xangai e mc tato)



Hoje em Dia é Difícil Encontrar (part. MC Xangai e MC Tato)

Gabb MC

Ainda não temos a cifra desta música. [Contribua!](#)

Auto rolagem

Texto

Corrigir letra

Imprimir

Cifra Club PRO

(Junior Sales) (tá ligado o Leo? O Leo, o LeoZera)

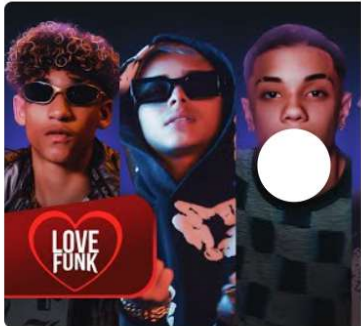
Hoje em dia é difícil encontrar
Uma menina que não trabalha no job
Todas viciada em sentar
Pedindo Pix pros cara que é bigode
Hoje em dia é difícil encontrar
Uma menina que não trabalha no job
Todas viciada em sentar
Pedindo Pix pros cara que é bigode

Nóis pega firme as bebê do job
Posta videozinho pra se exibir no TikTok
Tá apaixonada porque vê o menor de Porsche
Hoje é seu dia de sentar e ganhar um malote
Nóis pega firme as bebê do job
Posta videozinho pra se exibir no TikTok
Tá apaixonada porque vê o menor de Porsche
Hoje é seu dia de sentar e ganhar um malote

Hoje-hoje-hoje-hoje em dia é difícil encontrar
Uma menina que não trabalha no job
Todas viciada em sentar
Pedindo Pix pros cara que é bigode
Hoje-hoje-hoje-hoje em dia é difícil encontrar
Uma menina que não trabalha no job
Todas-todas viciada em sentar
Pedindo Pix pros cara que é bigode

E se ela for solteira, deixa ela viver a vida
Mai que menina linda
Viciado no seu corpo e na sua marquinha de fita
Gostosa, é mó delícia
Na cama, ela assume o toque
Mostra pras amiga quem que manda e quem que fode
Ela é pervertida, tira foto com a minha Glock
Claro que na mídia é só vídeo sentando forte (forte)

Hoje em dia é difícil encontrar
Uma menina que não trabalha no job
Todas viciada em sentar
Pedindo Pix pros cara que é bigode



<https://www.cifraclub.com.br/gabb-mc/hoje-em-dia-e-dificil-encontrar-part-mc-xangai-e-mc-tato/letra/>

1/4

ANEXO 7: Letra da música “Vai, faz a fila”, interpretada pelo artista MC Denny e de autoria desconhecida.

22/11/2024, 15:14

Vai, Faz a Fila [explícita] - MC Denny (letra da música) - Cifra Club

O que você quer tocar hoje?

Seja PROListasAprenda

CUPONS DE ATÉ 100% NA BLACK FRIDAY

Inscriva-se e invista em seu talento: E-mailCelular

página inicial

funk

mc denny

vai, faz a fila [explícita]



Vai, Faz a Fila [explícita]

MC Denny

Auto rolagem

Texto

Corrigir letra

Imprimir

Cifra Club PRO

Ainda não temos a cifra desta música. [Contribua!](#)

Vai, faz a fila, vem uma de cada vez

Vai, faz a fila e vem uma de cada vez

Vai dar beijo no Lindão por causa do 006

(Fez a fila ali, ô)

Vai, faz a fila e vem uma de cada vez

Vai, faz a fila e vem uma de cada vez

Vai, faz a fila e vem foder

Com 3, com 6, 16, sei lá

Tá suave, vem, novinha, perder tua virgindade

Safadeza, sacanagem, muita sucessagem

Vem, novinha safadinha, perder sua virgindade

Safadeza, sacanagem, muita sucessagem

Vou socar na tua buceta sem parar

E se você pedir pra mim parar, não vou parar

Porque você que resolveu vir pra base transar

Então vem cá, se você quer, você vai aguentar

Porque o Lindão tá lá, o Denny tá lá

Quem foi que mandou você procurar?!

O Lindão tá lá, o Denny tá lá

Que mandou você (procurar)

Compositor não encontrado.



O comentário

Adicione um comentário

Comentar

Mais acessadas de MC Denny

Funk

MC Messias MD

Funk

Dj And

Ouvir no





https://www.cifraclub.com.br/mc-denny/vai-faz-a-fila-e-vem-uma-de-cada-vez/letra/

1/3

97

ANEXO 8: Trecho da música “Só surubinha de leve”, composta e interpretada pelo artista MC Diguinho

22/11/2024, 15:18

Só Surubinha de Leve - MC Diguinho (letra da música) - Cifra Club

Seja PRO

Listas

Aprenda

CUPONS DE ATÉ 100% NA BLACK FRIDAY

Inscrito-se e invista em seu talento

E-mail

Celular

página inicial

>

funk

>

mc diguinho

>

só surubinha de leve



Só Surubinha de Leve

MC Diguinho

Ainda não temos a cifra desta música. [Contribua!](#)

Auto rolagem

Texto

Corrigir letra

Imprimir

Cifra Club PRO

Pega a visão, pega a visão

Pega a visão, pega a visão

Aquele pique, ôh!

É o Selminho que tá mandando

Anda, chama!

É o Diguinho que tá mandando

Anda, chama!

Pode vim sem dinheiro

Mas traz uma piranha!

(Pode vim sem dinheiro) (chama, chama)

(Mas traz uma piranha, aí!) (chama, chama)

Brota e convoca as puta

Brota e convoca as puta

Mais tarde tem fervo

Hoje vai rolar suruba

Só uma surubinha de leve, surubinha de leve

Com essas filha da puta

Taca a bebida, depois taca a pica

E abandona na rua

Só uma surubinha de leve, surubinha de leve

Com essas filha da puta

Taca a bebida, depois taca a pica

E abandona na rua

Taca a bebida, depois taca a pica

Taca a bebida, depois taca a pica

Tá-taca a bebida, depois taca pica

E abandona na rua

O ritmo do Diguinho é esse aqui, ôh

Pega a visão, pega a visão

O ritmo do Selminho é esse aqui, ôh

Aquele-aquele pique, ôh

Só uma surubinha de leve, surubinha de leve

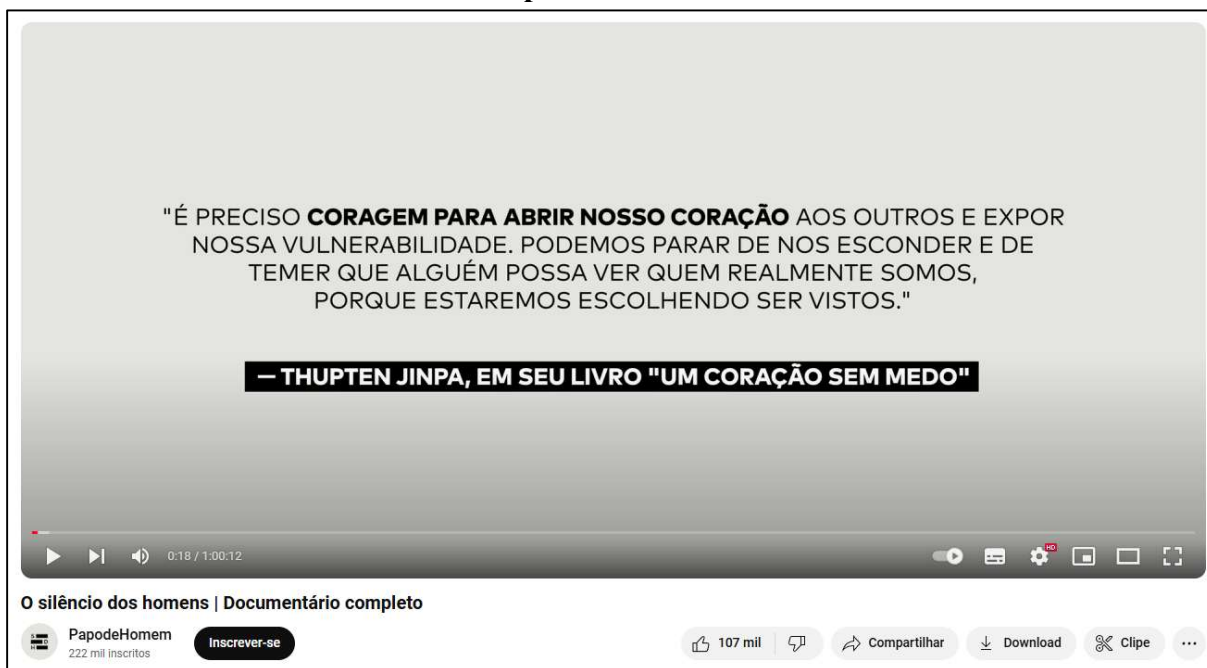
Com essas filha da puta



<https://www.cifraclub.com.br/mc-diguinho/so-surubinha-de-leve/letra/>

1/5

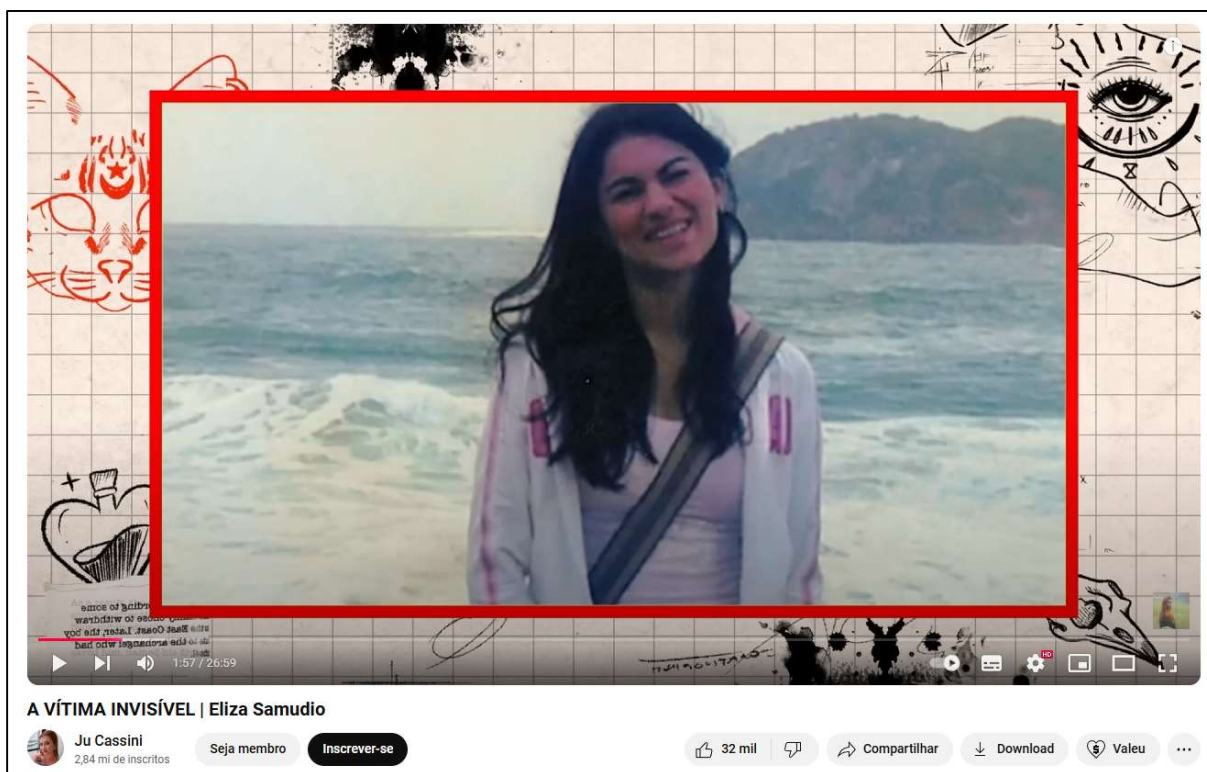
ANEXO 9: Documentário do canal Papo de Homem: O Silêncio dos Homens



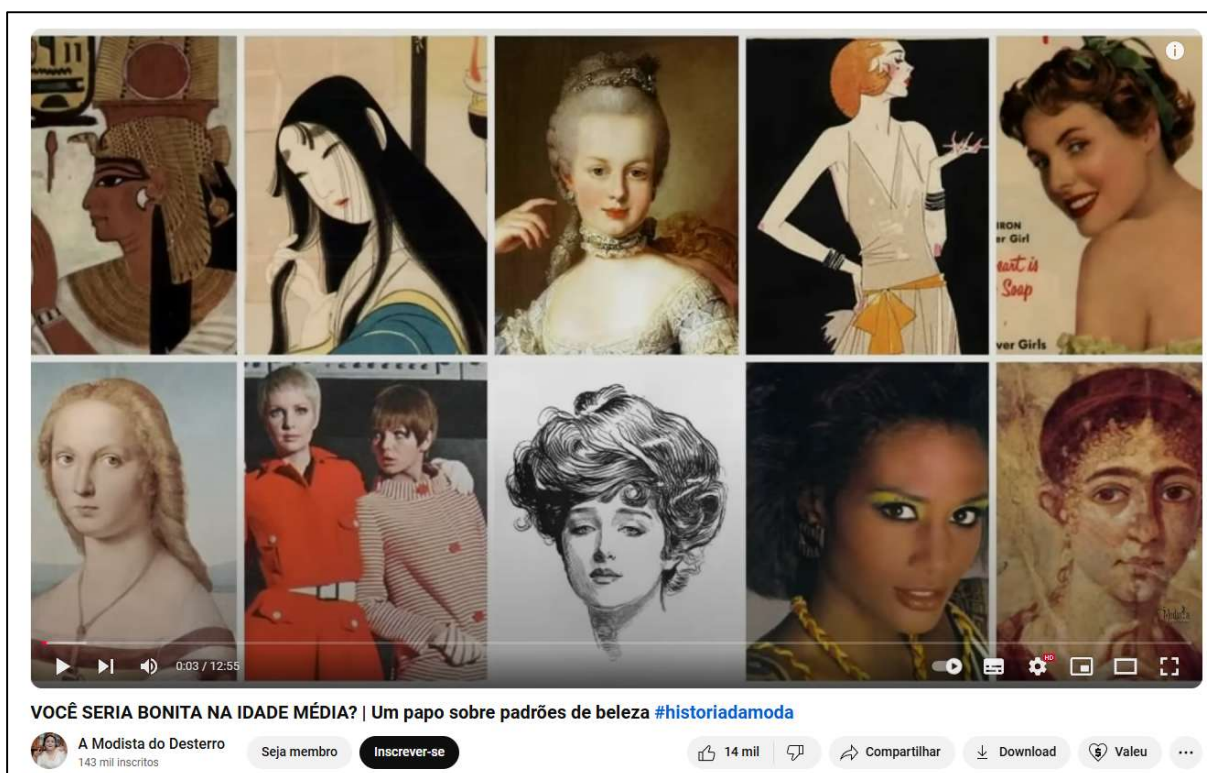
ANEXO 10: Vídeo do canal Memorista: “Quem é MARIA DA PENHA? | A História da LEI MARIA DA PENHA”



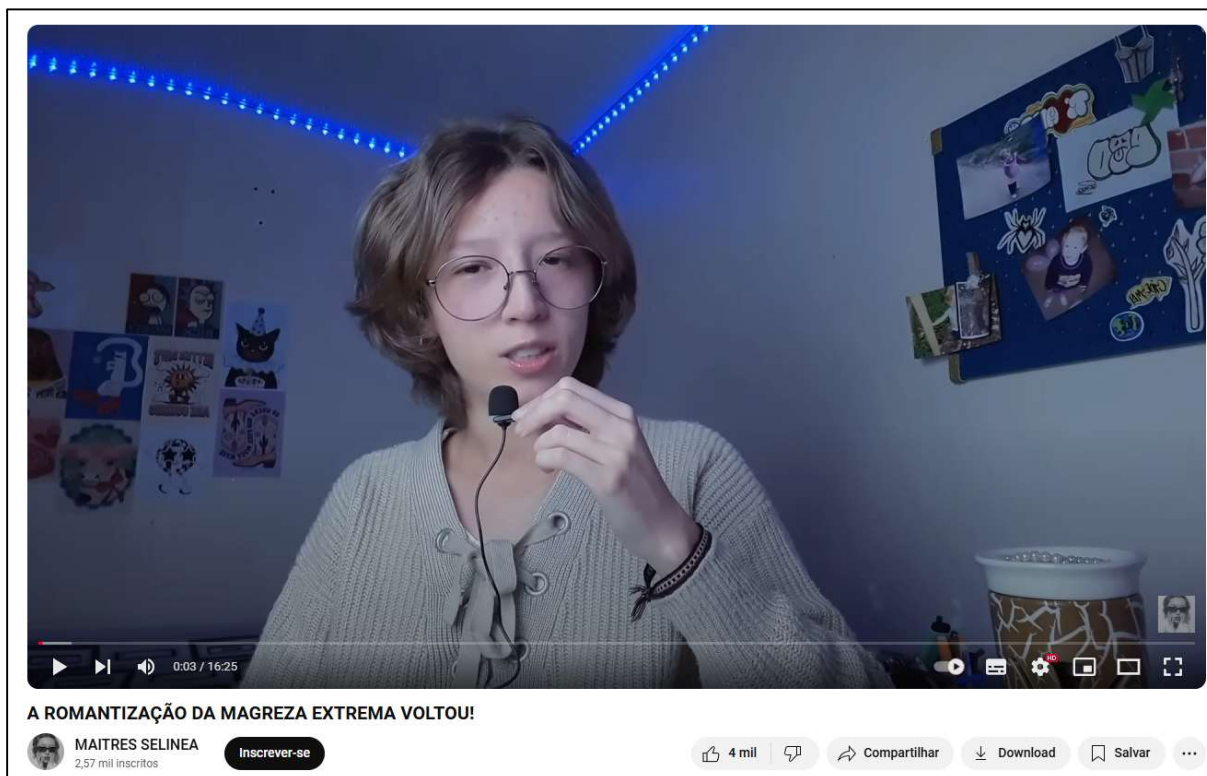
ANEXO 11: Vídeo do canal Ju Cassini: “A VÍTIMA INVISÍVEL | Eliza Samudio”



ANEXO 12: Vídeo do canal A Modista do Desterro: “Você Seria Bonita na Idade Média? | Um Papo Sobre Padrões de Beleza”



ANEXO 13: Vídeo do canal MAITRES SELINEA: “A Romantização da Magreza Extrema Voltou!”



João Pessoa, 24 de março de 2025

gussara de Horais Varela

Assinatura do Mestrando

Temilce S. de Assis Contalice

Assinatura do Orientador